

MESOLOGIA DAS CIVILISAÇÕES

Nos phenomenos vitaes toda a actividade organica é solidaria com a acção do meio exterior, a ponto de se estabelecer a adaptação ou variabilidade do typo da especie, ou a sua extincção por incompatibilidade com as condições mesologicas. Tal é o criterio scientifico para a comprehensão dos factos biologicos, embora as consequencias sejam mais ou menos arrojadas ou mais longe de uma comprovação completa. Os phenomenos sociaes são uma continuação dos phenomenos organicos, immediata em quanto aos actos inconscientes e involuntarios, como a sexualidade, a natalidade e a mortalidade, mas sempre em correlação apesar das imprevistas complicações da vontade individual. O primeiro facto sobre que se exerce a especulação sociologica é o problema da *População*, correlativo com esse outro de natureza physiologica, as *Subsistencias*; a primeira actividade historica do homem em sociedade, bem como a rasão de muitos costumes antigos, como o assassinato dos velhos e das crianças, e as migrações forçadas, estão ligadas á terrivel equação entre estes dois dados fataes, que o homem harmonizou por via do grande labor da civilização, simplificando a producção e multiplicando-a pela Industria, e garantindo assim o desenvolvimento da especie pelo proletariado. Estes simples topicos bastam para reconhecer a mutua dependencia entre os phenomenos sociologicos e as anteriores condições biologicas, e por tanto a necessidade de nunca esquecer esta relação para bem comprehendel-os. Mas assim como os factos sociaes

quanto mais primitivos e passados no maior numero se tornam mais inconscientes sob o impulso do automatismo organico, tambem nas suas manifestações mais elevadas, como as Civilizações completas parecem estar sujeitos á influencia dos diversos meios, que lhes imprimem as suas fórmulas características. Nas civilizações antigas a eliminação natural das aristocracias, como na Grecia, em Roma e Veneza, revela-nos, que a acção do meio é ainda preponderante apesar de todos os recursos de que o homem dispõe pela sua cultura para garantir a propria persistencia; apesar das instituições aristocraticas conservadas em Sparta, a sua decadencia torna-se insuperavel pela eliminação da classe privilegiada. Diz Moreau de Jonnés: «A Historia mostra-nos desde os tempos mais antigos até nossos dias, as castas dominantes, que vivem separadas do povo, deperecerem quotidianamente, devoradas dolorosamente, no meio das suas prosperidades por um mal que as ataca nas fontes da vida. O empobrecimento gradativo das suas gerações será o effeito dos habitos, dos costumes de uma sociedade ficticia? Resultará da falta de cruzamento das raças? Dar-se-ha na especie humana como nos terrenos que se esgotam com a mesma cultura? Seja qual for a causa d'este phenomeno natural, não se póde duvidar que ha uma extincção antecipada das aristocracias, cujo poder parecia dever garantir a sua duração. Assim, sob os Cesares, os velhos patricios de Roma, tão arrogantes, tão duros para com o povo, tinham desaparecido para darem lugar a homens novos. A nobreza veneziana, apoucada pela morte, sem que tivesse compensação nos nascimentos, foi forçada para substituir as suas grandes illustrações, a chamar ao Senado os nobres camponeses e a inscrever-lhes os nomes obscuros no Livro de ouro. Não existem mais do que alguns vestigios incertos da robusta aristocracia d'esses barões normandos que conquistaram a Inglaterra em uma só batalha. Os successores d'estes rudes guerreiros, no Parlamento britanico, são astuciosos procuradores, taes como os Lynhurst e os Wenboroug. Emfim, o corpo formidavel da nobreza franceza, formado outr'ora por setenta mil familias feudaes, estava reduzido, em 1789, ao terço d'este numero, não contando com a nobreza da toga e da finança¹.» Os movimentos involuntarios que se dão em uma classe, excepcionalmente precavida contra as influencias do meio, são mais intensos no conjunto do aggregado social, determinando as fórmulas porque as civilizações se produzem, se transmitem ou mesmo se tornam improgressivas. É este lado exterior das Civilizações que importa

¹ *Statistique des Peuples de l'Antiquité*, I, 195.

definir, como a sua mesologia. Karl Ritter, na sua monumental *geographia* comprehendeu a importancia do meio, e é só deduzindo dos relevos da terra a sua influencia sobre os modos da actividade do homem, que a *Geographia* poderá considerar-se como uma sciencia, dando luz e prestando utilidade a esse esteril pedantismo descriptivo. Pela enumeração successiva dos varios meios em que as civilizações humanas se desenvolveram, podem estas ser classificadas, e por tanto explicadas na sua evolução espontanea. A Civilização é um facto complexo, produzido pela actividade harmonica de complicados factores, da mesma fórma que a vida no organismo individual; sem perigo de analogia, a civilização é a vida dos aggregados sociaes, e como tal não depende só da cooperação dos diversos elementos associados, mas tambem dos varios estímulos do meio cosmico que favorecem ou embaraçam a sua expansão. A Civilização, como lucidamente o comprehenderam Fergusson, na *Historia da Sociedade Civil*, e Guizot, define-se pela coexistencia e independencia do desenvolvimento individual simultaneo com o desenvolvimento social. Qualquer progresso de um d'estes elementos á custa do outro, cae-se no retrocesso e na decadencia social. Logo porém que essa simultaneidade de acção se conserva, a Civilização define-se, radica-se e avança pela substituição gradual dos estímulos affectivos pelos motivos racionaes. É por isso que todas as civilizações antigas se acham ligadas mais ou menos a nomes de altas individualidades, os instituidores, que outra cousa não são senão a formula da base racional que se antepoz á espontaneidade affectiva; Mena no Egypto, Oanés na Chaldéa, Manu na India, Zoroastro na Persia, Moysés na Judéa, Numa em Roma são os eponymos da vida historica e consciente dos povos. Esses dois movimentos do individualismo e da collectividade reagindo entre si e estimulando-se, constituem uma synergia geral ou estado de Civilização; Carlos Fourier ligou á palavra *civilização* um sentido pessimista, isto é, a somma de todos os vicios da organização social actuando sobre a decadencia individual, e para um tamanho mal propoz como remedio o principio *associonista*. Ha relampagos de verdade no meio d'essa incoherencia de factos e de hypotheses, de utopias e de analyses bem observadas. Mas Fourier errou attendendo a um só dado do problema, porque não póde dar-se o nome de Civilização ao estado social em que as energias individuaes estão atrophiadas pelo predominio absoluto da collectividade sob o nome de governo ou estado. É certo que, para que a Civilização exista e subsista, é necessario que a collectividade actue de um modo directo sobre as capacidades individuaes; os modos d'essa acção é ao que chamaremos *progresso*. Assim a collectividade exerce uma acção impulsiva sobre as forças e energias individuaes

por via do progresso *moral, industrial e politico*. Por seu turno o desenvolvimento individual reage sobre a collectividade, por meio do progresso *esthetic, scientifico e philosophico*. Observando a dependencia hierarchica d'estes varios progressos que compõem o phenomeno complexo da Civilisação, vê-se que realmente se dá aqui uma transição de estímulos affectivos para motivos racionaes, e é desde que na vida historica dos povos se manifestam as grandes individualidades, que a vontade influe na fôrma social pelo pacto de constituição, e que a razão estabelece a relação das cousas pela justiça e pela equidade. As Civilisações antigas foram rudimentares; umas basearam-se no progresso moral, como a China; outras no progresso industrial, como o Egypto e a Chaldêa; outras no progresso politico como os Indo-Europeus; todas as Civilisações rudimentares, mais ou menos espontaneas e conservadas pelo automatismo empirico, estão pela sua evolução inconsciente subsidiadas á acção do meio, que determina as suas fôrmas essenciaes. Por ellas se observa a realidade de uma geographia social; os montes ou planaltos e os valles, os rios e os deltas, as ilhas e as peninsulas, os continentes e mares exteriores são como os degrãos por onde a civilisação humana ascendeu até á completa posse do planeta, e até ao conhecimento da sua universal solidariedade. Quem considerar as modificações exercidas por estes relevos cosmicos, deduz de prompto o porque de certas fôrmas sociaes; as *montanhas* produzem o isolamento das raças, são o ponto de apoio contra as invasões de outros povos, ali existe o espirito conservador e a rudeza com que defendem a propria liberdade, ou atacam as povoações sedentarias dos valles. A importancia dos planaltos, como berços naturaes em que o homem se destacou da animalidade ¹, reconhecida por Cuvier e Pritchard, conhece-se pelos tres typos fundamentaes da anthropologia a que correspondem os plateaus dos Ural e Altai, o do Caucaso e do Atlas. As grandes raças historicas desceram dos montes para os valles, e nas suas crenças religiosas persistiu essa reminiscencia primordial, quer na Montanha sagrada do Oriente, quer na designação ethnica com que os povos primitivos se deram a conhecer.

No vasto territorio limitado pelo Mediterraneo, Mar Negro, Caucaso, Caspio, o Indus, e os mares das costas meridionaes da Asia, as raças diversas que o occupavam, conservaram uma vaga tradição de um centro commum d'onde se dispersaram, isto é, uma alta montanha, com um vastissimo planalto quadrado, d'onde saia um grande rio, dividindo-se em quatro braços contornando quatro

¹ O trogloditismo, ou a vida nas cavernas, e ainda em quasi estado animal.

regiões diferentes. Segundo esta tradição commum aos semitas e aos árias, expressa aos seus mythos religiosos, esse planalto era o embigo do mundo e o berço da humanidade; para os povos confinados entre o Mediterraneo e o Tigre, esse territorio ficava para o *oriente*; para os povos de Irun e da India, o planalto ficava para o *norte*; assim o Eden, é esse planalto ou jardim de delicias situado ao oriente, d'onde sae o rio que se divide em quatro braços, o Phison, o Gihon, o Hidékel e o Phrat. Esta geographia não corresponde ao territorio occupado pelos semitas, signal de que é uma apropriação tradicional, da mesma fôrma que se dá com a tradição persa com a localização da montanha sagrada do Bordj d'onde sae o rio Arvand. Vê-se portanto a persistencia de uma reminiscencia primordial da descensão de um *planalto*, e a insistencia da tradição em localisal-o já no monte Ararat, já nas bordas de Caspio e até na Phrygia, nos montes do Bordj e do Berecyntho. A sciencia moderna aproveitando-se dos dados tradicionaes do grande rio que se divide em quatro braços, determina com precisão o local que corresponde a este thema geographico na região do Imaús, d'onde effectivamente saem d'uma mesma nascente os grandes rios Indus, Helmond, Oxus, e Jaxart. Renan, resumindo o trabalho critico de Olug *Sobre o berço da especie humana segundo os Indianos, Persas e Hebreus*, conclue: «tudo nos leva a collocar o Eden dos semitas nos montes Belurtag, no ponto onde esta cordilheira se reúne ao Himalaya para o planalto do Pamir¹.» As montanhas ficaram sagradas para estes povos, como o Meru para os Arias e o Sinai para os Semitas. Os planaltos serviram para o desenvolvimento do homem sociavel, e coadjuvaram esse desenvolvimento pela sua differenciação para com o homem dos valles.

Os nomes de *Akkad* e *Summir*, que tantas questões têm levantado entre os assyriologos Lenormant, Oppert, Schrader e outros, significam simplesmente o habitante da montanha e o habitante do valle, cujos conflictos permanentes foram provocados pela differenciação do meio e não pelo antagonismo de raça. As questões dos assyriologos nasceram d'este equivoco, suppondo que esse antagonismo provinha de que os Summirianos eram semitas e os Akkadios eram turanianos ou segundo a classificação de Peschel mongoloidos. Os Montanhezes desceram aos valles e sobrepozeram-se ás povoações sedentarias, conservando o seu nome; é por isso que o nome de Akkad não condiz com a situação do que veio a dominar na Chaldêa o paiz summiriano. Por outro lado, entre as

¹ *Hist. gen. des Langues semitiques*, p. 480.

povoações mongoloidas os nomes de *kemi*, *suomi* e *sumir*, é dado ao que habita na planície ou ainda á borda dos rios, como observa Cástren. O nome de paiz de *Kemi*, dado ao Egypto antes da unificação religiosa do culto de *Phta*, revela-nos que esta civilização elevada se estabeleceu sobre uma civilização rudimentar nascida do conflicto com uma povoação da planície, exactamente como se observa na Chaldêa, resultante da unificação entre os elementos akkadico e summirico. Mas assim como esta differenciação entre os montes e valles provoca uma actividade social, pôde ser tambem causa de um estado regressivo, e de estabilidade; é nas montanhas dos Pyrenneos, que a raça dos Bascos se apoia para resistir ás incursões dos Arias na Europa, e é ainda ali que persiste um systema de linguagem sem analogia com nenhum dos typos linguisticos actualmente existentes na humanidade. Nas montanhas da Grecia é que o elemento dorico, da civilização grega se apoiou contra a tendencia cosmopolita do elemento jonico, conservando o seu velho culto apollineo, e as antigas instituições em lucta contra as classes novas que pelo seu desenvolvimento crearam a democracia. É tambem nas montanhas da Suissa, que o povo helvético resistiu contra a conquista romana, contra as luctas feudaes, contra a absorpção das monarchias guerreiras da Europa, contra as maquinações diplomaticas, chegando pela constancia de tantos perigos communs, á fôrma consciente da nacionalidade pelo contracto voluntario ou Federação. Pelo contrario as grandes planicies provocam a desaggregação, como a vida errante dos pampas, da mesma fôrma que os valles criam a vida sedentaria e agricola, com uma certa riqueza e apathia que desafia o assalto das povoações montanhezas e o triumpho certo; onde se estabeleceram imperios sobre vastos territorios planos, aí caíram na degradação do despotismo e na absorpção de todas as energias individuaes pela auctoridade, como na Asia. A Europa, dividida por um poderosissimo systema de montes e de rios, nunca poderá ser unificada em um só imperio ou nacionalidade; foi por esta circumstancia mesologica que os romanos não a poderam conquistar completamente, nem Cesar fundar um imperio uno, nem Carlos Magno manter a subordinação politica, nem Napoleão tirar partido da irracionalidade das suas guerras absurdas e criminosas de conquista. Lançando os olhos sobre a orographia da Europa, vê-se que é um continente destinado á realização da liberdade politica, porque os seus relevos garantem a existencia autonoma de muitas nações, que têm de approximar-se pelas suas relações ethnicas formando Federações, ou fôrma consciente e racional de nacionalidades. O problema das *grandes nacionalidades* na politica européa, é um absurdo sociologico, a que ainda obedecem os politicos

empíricos; por mais absurdos que pratiquem na sua irracionalidade governativa, não poderam eliminar as pequenas nacionalidades, que por instinto de conservação são levadas à organização consciente de federalismo. Olhemos para as nove grandes cordilheiras da Europa, para prevermos a sua futura e definitiva organização política: os Urals entre a Europa e a Asia; os Alpes scandinavos entre a Noruega e Suecia; os Pyreneos entre a Hespanha e a França; os Montes Ibericos em Hespanha; os Alpes entre a França e a Italia; os Apenninos através de toda a Italia; os Karpathas na Austria; os Balkans na Turquia e o Caucaso do Mar Negro ao Caspio. Além d'estas grandes cordilheiras outras mais pequenas explicam a persistencia do espirito cantonal, como os Montes Cheviots entre a Inglaterra e a Escossia, o Jura entre a França e a Suissa, os Cevennes no meio dia da França, que tanto resistiu contra a França feudal pelas suas franquias municipaes.

Foi nas montanhas das Asturias que começou a reacção contra a conquista dos Arabes, e é ainda na Serra Morena que se conserva o espirito do bandidismo. Estas separações naturaes dos estados da Europa pelas grandes montanhas, facilitaram a criação de dynastias ou monarchias independentes, meio immediato de supplantar o arbitrio feudal; mas essas monarchias perturbaram o progresso da Europa invadindo-se mutuamente com o fim de se incorporarem quer por casamentos, quer por conquistas, gastando as forças sociaes na epoca do seu maior poder em quererem resuscitar a chimera da *Monarchia universal*. A essa illusão doentia obedeceram os papas, pela metaphysica da unidade espiritual, e os reis, como Henrique VIII, Francisco I, Carlos V e D. Manuel, illusão que se desfez pela affirmação da autonomia dos povos, na guerra dos Paizes Baixos, na Republica de Inglaterra, depois da America e depois da França. Por ultimo reapareceu a chimera sob a fórma diplomatica do sophisma das grandes nacionalidades, para produzir meio seculo de catastrophes. Adiante, ao fallarmos da acção dos continentes, estabeleceremos as fórmas que se deduzem para a organização social da Europa.

As civilizações mais antigas e que chegaram a um pleno desenvolvimento pela evolução lenta garantida pela sua existencia isolada, são aquellas que aproveitando do character sedentario proveniente das planicies, se defenderam das inundações selvagens, confinando-se nos grandes Deltas formados pelos rios caudalosos. Tal é a Mesologia das civilizações do Egypto, creada no Delta do Nilo, da Chaldea, creada no Delta do Euphrates, e a civilização dos Arios no grande Delta formado pelos braços do Ganges. Assim como os deltas são formados pelos detritos arrastados dos planaltos pelas aguas torrencias, assim tambem as civilizações isoladas

acompanham essa chronologia geologica succedendo-se á cultura rudimentar das populações montanhezas ou akkadicás. Os Deltas são formados de terra vegetal de uma grande fecundidade, simplificando o trabalho agricola e a vida por uma temperatura insular; as cheias periodicas, como as do Nilo, do Euphrates ou do Mekong, provocando o desenvolvimento das industrias e da cooperação social, produzem a abundancia e ao mesmo tempo criam no homem o espirito de previsão e de adaptação do meio ao seu bem estar. Nas sociedades formadas nos Deltas manifestam-se desde muito cedo os productos da architectura hydraulica, um intelligente regimen das aguas e os braços fluviaes aproveitados como vias de comunicação. Herodoto diz em uma phrase proverbial «o Egypto é um dom do Nilo;» e de facto não só o immenso valle é um producto da alluvião, como as suas culturas, o estabelecimento das suas capitaes, a sua organização social em Nomos ou cantões independentes, e até as suas festas nacionaes e a personificação religiosa do seu deus Hâpi, os primeiros cantos lyricos celebrando as cheias annuaes, as fôrmas architectonicas idealizadas sobre os primeiros typos de habitações formadas com os troncos dos sycomos e palmeiras, tudo deriva da força creadora do grande rio. Mas se a natureza estimulava o desenvolvimento da civilização por seu turno o homem reagia sobre esses elementos exteriores para o adaptar aos seus usos; as civilizações dos Deltas sustentam-se pelo seu character industrial, supprindo a falta de aptidões militares pelas defezas naturaes das torrentes. O Egypto servia-se de mercenarios, sobretudo Phenicios e Gregos, e a sua primeira capital, *Memphis* (cujo nome significa a boa fortaleza) era collocada na ponta do Delta, tornando-se pela sua situação inexpugnável; foi assim que Mena deu unificação nacional aos diversos nomos, tornando Memphis o centro da vida politica. Pela tomada de Memphis pelos Hyksos nomadas, é que essa invasão desastrosa, que fez recuar a civilização egypcia para Thebas, se pôde garantir por mais de dez seculos. Qual o trabalho dos primeiros habitantes do Egypto para adaptarem o Delta ás necessidades de uma civilização crescente, basta considerar, que as cheias periodicas e a estiagem produziam ora a devastação, ora uma exuberancia de vegetação em breve destruida pelas grandes calmas, e a doença proveniente das emanções putridas dos pantanos. Diz Maspero, distinctissimo egyptologo: «O Egypto, tão rico e tão fertil hoje, devia então ser a imagem da desolação. O rio abandonado a si mesmo, mudava constantemente de leito. Nunca chegava no seu trasbordamento a certas partes do valle que ficavam improductivas; de mais estagnava-se com tanta persistencia, que formava lodações pestilentos. O Delta, meio coberto pelas aguas do rio, meio perdido sob as

ondas do Mediterraneo, era um immenso pantano com algumas ilhas areentas, coberto de papyrus, de lotus e de enormes canaviaes através dos quaes os braços do Nilo abriam frouxamente um curso sem cessar deslocado. Sobre as duas margens o deserto invadia todas as partes do solo que não eram annualmente cobertas pela inundaçãõ: passava-se sem transiçãõ da vegetaçãõ desordenada dos charcos tropicaes á aridez a mais completa. Pouco a pouco os recém-chegados apprenderam a regular o curso do rio, a fazer diques, a levar por canaes de irrigaçãõ a fertilidade até aos cantos mais afastados do valle. O Egypto saiu das aguas e tornou-se na mão do homem uma das regiões mais apropriadas para o desenvolvimento lento de uma grande civilizaçãõ ¹.» Assim nos Deltas, a civilizaçãõ é simultanea com a formaçãõ e adaptaçãõ do solo; sãõ estas as civilizações verdadeiramente evolutivas, conservadoras pelo seu completo isolamento, baseadas sobre a auctoridade dos costumes, resistindo pela sua situaçãõ privilegiada aos assaltos das raças nomadas, e contando a sua existencia tranquilla por dezenas de seculos. As civilizações do Egypto e da Chaldêa obrigaram a recuar por milhares de annos a chronologia biblica, que se havia imposto á sciencia. N'esta longa estabilidade se crearam os laços moraes da familia, o principio da hereditariedade, a differençaçãõ de classes sociaes ou castas, a formaçãõ de corporações especulativas ou corpo sacerdotal, a auctoridade publica, a fixaçãõ da propriedade e a domesticidade dos animaes, como o cãõ, o burro, o cavallo e o camello, verdadeiros cooperadores no trabalho do homem. Diz Moreau de Jonnés: «Um traço caracteristico d'esta civilizaçãõ, que prova a sua superioridade melhor ou mais ainda do que o aperfeiçoamento das sciencias e das artes, é o *senso moral* que a acompanhava, o que é uma faculdade superior do espirito humano, dada ás nações por instituições aperfeiçoadas, poderosas e prolongadas secularmente ².» É este mesmo character exclusivo de desenvolvimento *moral* que caracteriza a civilizaçãõ chinesa, tanto ou mais antiga do que a do Egypto. A longa estabilidade das civilizações dos Deltas tem a vantagem de conservar n'esse foco isolado a somma dos progressos adquiridos pelo empirismo, até ao dia em que outros povos recebam esse legado de progresso que universalisam na humanidade; assim o Egypto foi na realidade o foco d'onde irradiou toda a civilizaçãõ occidental, por meio dos Phenicios e Gregos, bem como da Chaldêa saiu o impulso da civilizaçãõ dos povos da Mesopotamia, como

¹ *Histoire ancienne des Peuples de l'Orient*, p. 17.

² *Statistique des Peuples de l'Antiquité*, 1, p. 9.

da China partiu a cultura para as raças amarellas. O que dissemos da formação do solo do Egypto simultanea com a sua civilisação deu-se com a Chaldêa constituido no Delta do Euphrates o Schatt-el-Arab; segundo Loftur e Rawlinson, quando os primeiros colonos entraram n'este valle, ainda o golfo Persico penetrava pela terra dentro mais de quarenta e cinco leguas do que ao presente: «A região das alluviões, e sobretudo a parte d'esta região que confina com as ribas do golfo Persico, serviu de asylo aos primeiros colonos. Era uma immensa planicie baixa, cuja monotonia não era interrompida por accidente algum de terreno. O Euphrates mal fechado nas suas margens, lançava para a direita e esquerda braços que se iam confundir com o Tigre, ou que se iam perder em charcos. Uma parte do solo, sempre privada de agua endurecia aos raios de um sol ardente: uma parte desapparecia quasi completamente sobre os montões de areia trazidos pelo vento do deserto; o resto não era senão uma lagôa empestada, cheia de juncos enormes, cuja altura variava entre doze e quinze pés. Para fazer d'este paiz desolado um dos mais ricos, se não o mais rico do universo foi preciso regular o curso das aguas, repartir rasoavelmente por meio de canaes e de diques a inundaçãõ que tendia a accumular-se sobre certos pontos de preferencia a outros; foi esta a obra que emprehenderam os primeiros colonos da Chaldêa ¹.»

Repete-se aqui a mesma evoluçãõ lenta que observámos no Egypto: as ideias moraes chegaram na Chaldêa a um alto grau de desenvolvimento, aí apparece uma forte classe sacerdotal, a federaçãõ defensiva de pequenas cidades, a escripta ideographica, as observações astronomicas, e o culto solar, substituido pelo culto sideral pelo predominio de uma raça invasora, como no Egypto. Mas as condições do meio sendo semelhantes, é quasi identica tambem a evoluçãõ das duas civilisações; resultaram da unificaçãõ de duas raças, como os sumirs e akkadios na Chaldêa, depois a civilisaçãõ subiu o curso dos rios, tornando-se central, como Thebas ou como Babylonia, e por fim estendendo-se até ás montanhas como a Ethyopia e a Assyria, que pela sua situaçãõ conservam um espirito indomavel em antinomia com a cultura que manifestam. As margens dos rios tornam-se já um ponto em que as civilisações se desenvolvem, como a civilisaçãõ susiana a leste do Tigre, a chineza nas margens de Hoang-ho; emfim na Europa os rios, como o Tibre, o Sena, o Tamisa, o Neva são verdadeiros pontos de actividade e de progresso nacional. Quando

¹ Maspero, *Histoire ancienne*, p. 138.

as civilizações dos deltas estavam em estado de descerem a corrente dos rios e de explorarem as bordas e costas marítimas, já outros povos haviam aproveitado esta situação geographica, que lhes impunha uma indole aventureira e cosmopolita, de indole facil para se adaptar aos costumes de outras raças e de se apropriar dos seus progressos na parte mais utilisavel pela simplicidade. Deu-se isto com a raça kuschita do golfo Persico, que se apropria dos progressos da Chaldêa, e com os Phenicios e Gregos que propagam no Occidente a cultura que havia attingido o Egypto, convertendo o Mediterraneo em um ponto de apoio das civilizações das tres peninsulas da Grecia, da Italia e da Hispania. Um dos elementos kuschitas da Asia anterior fixado nas costas meridionaes do golfo Persico, vulgarisou essa civilização sobre que se desenvolveram as Arias e os Semitas; as *ilhas* tornaram-se não só fôcos de desenvolvimento evolutivo, como Dilmun e Ceylão, mas verdadeiros pontos intermediarios por onde a civilização passava de um para outro continente, como aconteceu com Socotora, no oceano Indico, e Malta e Chypre no Mediterraneo. Lassen notando as analogias entre a constituição do reino sabeano e dos Narikas do Malabar, acha verosimil que uma emigração do Malabar formou os elementos ou regimen das castas, heterogeneo na população de Jemen; das mesmas analogias dos Somaulis com usos particulares da India, conclue Renan: «Uma ilha, que representa no oceano Indico uma parte analoga á de Malta no Mediterraneo, a ilha de Socotora successivamente phenicia, grega, ayriaca e arabe, apparece-nos na alta antiguidade completamente indiana. O Jemen e a costa do Malabar, graças ao phenomeno das menções, são duas castas quasi visinhas¹.» No isolamento das ilhas formaram os Kuschitas do golfo Persico as suas observações astronomicas, e crearam as grandes expedições marítimas, das bocas do Indus, costas do Catch, de Gazerate, do Concan e do Malabar; das ribas da Gedrosia, da Carmania e da Persida; costeando a Arabia até á Africa ethyopica, penetrando na região de Sofala, estreito de Babel-Mandob e golfo Elanitico; e depois ainda no Mediterraneo do Delta do Egypto até hoje nas costas da Palestina².

Esta civilização kuschita concentra-se nas ilhas de Bahrein, e especialmente nas de Tsur e Arad, cujos nomes os Phenicios repetem nas cartas da Palestina, quando os Puni emigraram do golfo Persico, e formaram a civilização phenicia, que propagou no occi-

¹ *Histoire generale des Langues semitiques*, p. 319.

² Reconstrucção de Eckstein sobre os dados mythologicos.

dente a civilização do Egypto, começando por tirar a Grecia do estado de barbarie e explorando a Europa até ás Cassiteridas, que ainda estava no selvagismo. A raça cananea que se estabeleceu em ilhas chegou a uma consistencia nacional, como os Phenicios : os outros ramos extinguiram-se nos plainos da Syria em um nomadismo, de que apenas os Judeus se libertaram temporariamente; os Aradianos (da ilha de Arad) os Sidonianos da costa maritima, e os Semareanos da embocadura do rio Eleutherus, constituem o nucleo da nacionalidade phenicia, cuja historia consiste na sua irradiação colonial, segundo a hegemonia das suas cidades, Gebel, Sidon e Tyro, até que são supplantados por um outro povo insular os Jonios do Archipelago grego, bem como os Romanos por seu turno acabaram de destruir a sua ultima expansão colonial de Carthago. Achamos aqui já a lucta da civilização insular contra os povos peninsulares, que reagiam pela sua independencia, posto que se achassem ainda n'um grande atrazo social. As numerosas ilhas do mar Jonio, do Archipelago, do Mar Adriatico e do Mediterraneo tornavam-se pontos de apoio da acção dos Phenicios na sua exploração continental, e ao mesmo tempo feitorias e refugio contra a aversão dos povos peninsulares; taes foram no meio dia do mar Egeo, Rhodes, Thera, e Cythera, onde deixaram os seus cultos; nas Cycladas a sua influencia persiste em Oliaros, Ios e Syros, a exploração minerea levou-os para as ilhas de Cimolos e Siphuos, e para Thacos, costeando a Asia Menor, a Grecia, a Italia, a Hispania, a Lybia, e saindo o Mediterraneo, até ás ilhas Cassiteridas ou britannicas. A sua missão historica foi o servir de intermedio entre o Oriente e o Occidente. As civilizações insulares reagem contra o seu proprio cosmopolitismo por meio de uma concentração egoista, desenvolvida pela avidez e exploração commercial; a civilização phenicia extinguiu-se da mesma fôrma que os seus antepassados kuschitas. A situação dos Phenicios para o mundo antigo estava como para a Europa está hoje a Inglaterra, duramente interesseira, explorando até onde lhe faz conta o direito internacional e o progresso da diplomacia, ora aproveitando-se da solidariedade europêa, ora isolando-se na não intervenção, assassinando as pequenas nacionalidades pela finança e pelos tratados de commercio com uma impudente má fé. Vê-se portanto que as civilizações reflectem o character fatal imposto pela acção do meio, e a Inglaterra, sempre perturbadora da Europa continental, obedece a essa tremenda fatalidade do egoismo insular que a separa da solidariedade occidental.

A influencia directa dos Phenicios sobre as origens da civilização da Grecia revela-nos que a successão natural dos povos peninsulares na historia da humanidade obedece a uma lei de con-

tinuidade e de evolução. As peninsulas têm as vantagens das ilhas, para o effeito de isolamento e de defeza, como vemos com a Arabia, onde o ultimo ramo das raças semiticas se conservou mais puro do que os ramos cananeo e terachita que se dissolveram pelo cosmopolitismo; pela sua ligação com os continentes, estabelecem o contacto immediato das civilisações isoladas, das quaes os povos tiram aquelles progressos geraes applicaveis a qualquer situação do homem. Depois do estacionamento theocratico da Asia, é ainda nas peninsulas do Industão e da Cochinchina que se desenvolvem as civilisações hindu e kmér, como depois do esgotamento da raça semitica, surgem os Arabes com todas as condições para estabelecerem a civilisação do continente da Africa. A hegemonia da humanidade passou definitivamente dos povos semitas para a raça árica, e esta elevou-se ás fôrmas mais profundas e universaes da civilisação esthetica, scientifica e philosophica, bem como moral e politica pela actividade exclusiva dos povos peninsulares; a Europa occidental foi o centro d'esse esplendor do progresso humano. Basta olhar para a configuração da Europa, notar o relevo das suas tres peninsulas meridionaes, o Peloponeso ou Moréa, a Italia, e a Hispania ou Iberia, para conhecer a rasão dos factos, deduzir a propagação crescente da civilisação helleno-italica, e do seu renascimento na éra das grandes navegações. Da situação material se caminha para a unidade moral da civilisação do Occidente, em que as lendas de Sylla e Caribides, da exploração do Mediterraneo, e consignadas na epopéa homerica, se continuam alargando-se nas lendas do *mar tenebroso* personificadas no Adamastar da epopéa camoniana. A civilisação occidental tem a sua historia no advento d'estes tres povos peninsulares; a Grecia fundou o progresso humano sobre as noções scientificas, e realisou a sua unidade nacional pelas creações artisticas. Todas as vezes que a humanidade retrogradou, foi pela renascença das fôrmas da civilisação da Grecia, que ella tornou a achar o seu caminho; assim depois do tremendo desastre das invasões germanicas, que reduziram o occidente á barbaridade, a sciencia da Grecia por via da propagação dos arabes reanimou a intelligencia na Europa; depois da hallucinação das cruzadas e do embrutecimento claustral apparece na Italia essa *dolce color d'oriental zaffiro*, com que Dante caracteriza a renascença grega do seculo xiii; é ainda depois d'esse novo eclipsa da civilisação humana produzido pela entrada dos Turcos na Europa e pelo seu estabelecimento definitivo em Constantinopla no fim do seculo xv, que a Grecia torna a influir no progresso indestructivel da humanidade pela Renascença scientifica do seculo xvi, que iniciam as descobertas da astronomia e da physica e a éra do espirito positivo moderno. A

Grecia operou no seu seio a synthese de todos os progressos humanos realizados até ao seu advento historico; pelos Phenicios recebeu o legado scientifico da Chaldêa, e a iniciação da escripta alphabetica; pelas relações com o Egypto recebeu as doutrinas moraes e philosophicas que dirigiram os seus legisladores; pela Asia Menor recebeu as fôrmas artisticas dos Assyrios e os cultos medo-persas, que provocou a elaboração litteraria dos seus mythos. Nunca um tão pequeno povo e um tão pequeno territorio foi excedido na grandeza da sua acção pelas grandes potencias antigas ou modernas; e d'este facto se tira a comprovação cabal do principio politico sustentado por Platão, por Fergusson e por Tocqueville, ácerca da importancia das pequenas nacionalidades para a realisação da liberdade e de todas as suas consequencias sociaes.

A peninsula da Italia foi tambem a séde d'esse pequeno povo romano, que pelo seu tino pratico e valentia fundou o maior imperio do mundo. O Romano fez a incorporação de todos os povos do Occidente, trazendo-os do estado de barbarie á organização social, e o seu direito escripto e as suas fôrmas administrativas conservaram-se através das ruinas produzidas pela invasão dos barbaros da Germania, servindo ainda de base á sociedade moderna. As suas guerras foram civilisadoras, e as suas colonias os nucleos de novos estados; é verdadeiramente extraordinario como em um tão pequeno espaço, e com tão pouca gente, o imperio romano pôde dictar leis ao mundo, supprindo pelo colonato a sua deficiencia numerica, e pela concessão do direito de cidade a obediencia voluntaria e a cooperação nos seus triumphos. A vastidão das suas conquistas dissolveu os vinculos sociaes, tornou necessario a intervenção do despotismo imperial, e a expoliação do individuo pela fiscalidade; e Roma succumbiu pela decadencia dos caracteres que haviam perdido a liberdade, circumstancia implicita na causa fundamental da sua ruina, a transformação de pequeno em grande estado. Assim como a civilisação grega passou para a peninsula italica, na parte propriamente chamada Grande-Grecia, tambem a civilisação romana passou para a peninsula hispanica, onde a civilisação occidental teve as mais esplendidas manifestações emquanto os povos peninsulares ibericos estavam divididos em pequenos estados. Portugal e a Hespanha iniciaram a época das grandes navegações, descobrindo nós o caminho maritimo para a Asia, e a Hespanha apropriando-se da America. Mas a decadencia da Hespanha começou pela unificação material dos seus pequenos estados, pelo regimen despotico imposto pela vastidão do imperio europeu de Carlos v, e pela extincção da liberdade de consciencia sacrificada á disciplina da Inquisição empregada como

systema de policia preventiva pelo governo. D'esses pequenos estados peninsulares apenas resta Portugal, que soube resistir a uma annexação forçada, como a de Philippe II, a uma invasão napoleonica, a uma desmembração dos Braganças que fundaram uma nova dynastia no Brazil, e a uma absorpção ingleza sob Beresford; e comparada esta pequena nação com qualquer das antigas nacionalidades peninsulares, apesar de todas as nossas ruinas ainda appresentamos uma maior densidade de população, uma maior riqueza agricola e industrial, e uma maior suavidade de costumes.

O triumpho da monarchia na Europa atacou profundamente a civilisação occidental com as guerras dynasticas e com as incorporações de estados formando grandes imperios. As pequenas nacionalidades resistiram pela federação, como a Liga lombarda, como a Liga hanseatica, como a Confederação helvetica, como as Provincias Unidas. A historia da Europa, durante este periodo das monarchias absolutas appresenta-se sem unidade, sem solidariedade; um tal estado de violencia trouxe a necessidade da criação da diplomacia, necessidade habilmente aproveitada pelos Jesuitas para o seu dominio de classe. E comtudo a Europa avançou, mau grado a acção deprimente da realeza e da egreja, pelas descobertas scientificas e pela critica philosophica; pelas descobertas scientificas e pelas communicações commerciaes estabeleceu-se a solidariedade de interesses, pelas doutrinas philosophicas fundou-se a communhão moral, quebrada pelo protestantismo. Do seculo XVI ao seculo XIX creou-se pela primeira vez na humanidade o typo de uma civilisação continental, que torna a Europa a dominadora do planeta; a sua configuração cercada de ilhas, com peninsulas, lagos interiores, e interrompidas as suas planicies por vinte cordilheiras de montanhas, assegura a estabilidade de muitos estados, como outros tantos focos de uma civilisação imperecivel. De facto todos os grandes imperios ensaiados na Europa por Cesar, por Carlos Magno, pelos monarchas doudos do seculo XVI, e pelo canibalismo de Napoleão, foram inconsistentes contra a acção dispersiva do meio cosmico. Os grandes estados formados por uma incorporação violenta e material, como a Austria e a Allemanha, para se manterem na sua estabilidade transitoria, tiveram de recorrer á fôrma politica da federação. É esse o typo racional da constituição futura da Europa, na sua era pacifica; a ruina da civilisação occidental embarçava a fundação d'esta ordem consciente, longo tempo atropellada pela *Santa Alliança dos Reis contra os Povos* formada pelos grandes estados do norte, os mais atrasados nas suas instituições politicas. A civilisação occidental, isto é, o renascimento dos povos peninsulares, vem activar a ini-

ciação da era pacífica, tendo passado a hegemonia para a França democratica; esse renascimento começa com as luctas da Grecia moderna para a sua independencia e sua constituição em nacionalidade livre; seguiu-se-lhe a Italia, conseguindo a sua unificação e impondo-se á Europa como potencia, depois de ter sacudido o jugo da casa de Austria e do papado; a propria Hespanha ensaiou tambem a fôrma republicana, e deduziu da sua historia a reorganização federal em estados livres segundo o typo da nacionalidade portugueza; a França, pelos sangrentos desastres de 1870 extirpou de si a legenda napoleonica, e retomou o seu lugar nos destinos da Europa pela sua republica firmada depois de dois deploraveis ensaios. Tudo nos revela que a civilização occidental renasce, e com a cohesão consciente, como se conhece pela aspiração do *Pan-latinismo*. A sua influencia será profundissima, porque ha de determinar na Europa a fundação das federações naturaes de raça, como o *Pan-germanismo* e o *Pan-slavismo*, solidarias da civilização continental, cujo character intimo, consiste no justo accordo entre o individualismo e a collectividade, perante o mesmo fim.

THEOPHILO BRAGA.

AUGUSTO COMTE

Nasceu n'uma epocha de crise moral e teve a vida accidentada e commovente de todos os grandes reformadores.

Quando começou a trabalhar na philosophia, encontravam-se os espiritos n'um estado verdadeiramente anormal. A religião, cedendo aos golpes profundos e energicos da philosophia atheista do seculo xviii, tinha perdido toda a influencia mental sobre os homens de principios mais avancados. A methaphysica dos livres pensadores, destinada a substituir o dominio do dogma, que succumbira, não era comtudo alimento bastante para as intelligencias mais robustas.

Os encyclopedistas e os racionalistas tinham feito muito. Tinham dado o golpe de morte á theologia; tinham levantado o grito definitivo da liberdade do pensamento, mais d'uma vez abafado, ao declinar da idade media, pelo intolerantismo religioso.

Augusto Comte não desconhecia estes resultados beneficos da revolução philosophica e social, que o precedêra. Comtudo reconheceu que o trabalho feito, e que elle aceitava como uma herança valiosa do passado, era muito pouco relativamente ao que faltava ainda fazer para marcar ás intelligencias um novo destino.

A methaphysica do seculo passado tinha um caracter essencialmente negativo. Cumprira um destino de demolição; mas quando anteviu a necessidade de construir de novo não soube fazer mais

do que invocar a *Razão humana*, uma verdadeira abstracção de que é impossível tirar um unico elemento real de renovação.

E no entretanto os espiritos continuavam a encontrar-se n'um vacuo afflictivo, desesperador. O velho edificio das crenças religiosas, tanto tempo sustentado pela energia da tradição theologica, tinha-se desvanecido como um sonho diante do interrogatorio severo dos philosophos. Não era possivel voltar atraz. Mas, por outro lado, que crenças novas vinham encher o grande espaço vazio, que as ideias e os sentimentos anteriores tinham occupado?

A *Razão*, a *Dignidade* e o *Direito*, eram então grandes palavras, muito exploradas, mas cujo sentido positivo e real estava longe de conhecer-se. Por isso as luctas intimas da consciencia continuavam sem tregoa, e mais d'um espirito promettedor se deixava morrer no meio da geral confusão.

Augusto Comte, que experimentou certamente o estado moral dos seus contemporaneos, sentiu então que podia intervir com o poder immenso do seu genio apontando um ideal novo aos pensadores.

Inimigo intransigente de toda a declamação, sentia dolorosamente que as questões capitaes da philosophia começassem a ser tractadas d'um modo puramente litterario por homens sem preparação scientifica. Continuar n'um tal caminho, era perpetuar sem esperanças a philosophia revolucionaria, que não era na realidade mais do que uma doutrina de transição; era continuar, emfim, n'uma marcha dissolvente, quando a necessidade d'uma nova organização reclamava todos os esforços dos bons trabalhadores.

Impressionava-o, sobretudo, que na mais completa ignorancia da Sociologia, alguém se julgasse auctorizado a impôr ás massas opiniões politicas, e que os *homens d'acção*, naturalmente desprovidos de criterio scientifico, se arrogassem o direito de destruir e construir instituições sociaes, quaesquer que ellas fossem.

Augusto Comte tinha recebido uma austera educação scientifica. Ouvira sobre todos os ramos dos conhecimentos as lições dos maiores sabios da França, devendo, na opinião insuspeita de Stuart Mill, conceder-se ao grande philosopho o titulo de primeiro encyclopedico do seu tempo.

O regimen mental a que sempre se submetera explica ao mesmo tempo o seu odio a todo o espirito de superficialidade e o motivo porque justamente reconheceu que toda a renovação de ideias e de sentimentos devia encontrar o seu ponto de partida nas sciencias.

O que resumidamente chamava a *falta de preparação*, quer di-

zer a ausencia d'uma passagem longa e gradual por todas as sciencias, era, segundo elle, a causa principal ou antes a causa unica do estado de fluctuação dos espiritos que, depois de terem sentido o alcance da philosophia negativa do seculo passado, não previam a reforma que devia seguir-se-lhe.

Recolher das sciencias positivas a maior somma possivel de conclusões geraes e familiarisar o espirito com o methodo experimental em todas as suas applicações, a necessidade encyclopedica emfim, por opposição á *especialidade dispersiva* dos sabios d'aquelle tempo, foi a ideia fundamental preconizada pelo creador do positivismo francez.

Era um erro suppôr-se, como até então, que a philosophia *à priori* podia dar um impulso qualquer ás sciencias. Ao contrario era forçoso pensar que a philosophia, como synthese mental de uma epocha, receberia sempre e de todos os departamentos do saber uma luz tanto mais intensa quanto mais adiantadas se achassem na sua evolução as sciencias experimentaes.

Não era do conhecimento subjectivo do homem, do conhecimento do *ser*, que a philosophia devia partir para o estudo do mundo externo. Era do conhecimento do mundo, isto é, das sciencias, que devia começar a marcha para o estudo psychico e social.

Este profundo pensamento, que é uma das grandes originalidades de Comte, bastaria a tornar immortal a memoria d'este pensador.

Os philosophos mais adiantados d'aquella epocha, que eram sem contestação os creadores da Escola Associonista de Inglaterra¹, não tinham visto comtudo que era esta a marcha real, a marcha segura que devia adoptar o espirito d'este seculo. O seu ponto de vista era essencialmente psychologico, todos os esforços d'esta escola convergiam para o estudo moral do homem. D'aqui a definição restricta que, a esse tempo, dava Stuart Mill da philosophia quando a considerava *o conhecimento scientifico do homem como ser intellectual, moral e social*.

Ninguem duvida, nem Comte o negava, que este é o fim ultimo de toda a especulação. Comtudo a philosophia não é só isto; é tambem a somma real de todos os esforços positivos para attingir um tal resultado. Comprehende tambem toda a sciencia, ou melhor — não é ella mesma mais do que a sciencia generalisada, por que a natureza inteira está comprehendida na esphera dos seus limites.

Emittida esta idéa fundamental, cumpria trabalhar na sua

¹ Vid. Theophilo Ribot, *Psychologie anglaise contemporaine*.

execução, cumpria por isso começar o estudo philosophico das sciencias.

Mas uma questão gravissima se apresentava n'este ponto.

Que marcha se deveria adoptar? Por onde começaria a serie, se uma serie de sciencias existia, e onde deveria ella terminar?

A resposta a esta pergunta é a classificação hyerarchica das sciencias, um trabalho original em que se revela todo o poder de concepção do grande reformador.

Para fundamento d'esta classificação Augusto Comte adopta dois pontos de vista differentes, mas que se correspondem convergindo ao mesmo resultado; um dogmatico, o outro historico.

Segundo o primeiro ponto de vista as sciencias acham-se distribuidas n'uma seriação linear, onde o logar lhes é marcado pelo grau da sua *generalidade decrescente* e *complexidade crescente*.

O primeiro elemento da serie é occupado pela Mathematica, a mais simples e ao mesmo tempo a mais geral de todas as sciencias. É ella, com effeito, a que elabora sobre um menor numero de ideias; a noção de *numero* e de *espaço* são dados sufficientes para ponto de partida da sua constituição. Ao mesmo tempo é a mais geral de todas. Estão sob a sua dependencia os factos da Mechanica racional, da Astronomia, da Physica, da Chimica e, até um certo ponto, uma parte dos phenomenos da Biologia ¹.

O poder do calculo, certamente o mais perfeito dos instrumentos da nossa investigação, ninguem hoje o póde contestar ou desconhecer.

O ultimo elemento da serie é a Sociologia ou Physica social. A especialização e complexidade dos phenomenos é aqui evidente. As condições estaticas e dynamicas da producção d'um facto social são sempre numerosas. As tendencias da especie ou da raça, dependentes da *hereditariedade*, as tendencias individuaes, dependentes da *variação*, a influencia do meio cosmico, e por ultimo, as acções complexas e multiplas do meio social, são outros tantos factores a que é preciso recorrer sempre para interpretar o facto social. D'aqui a necessidade, a primeira vez sentida e demonstrada por Comte e hoje adoptada pelos mais elevados pensadores, de fazer preceder o estudo da sciencia social pelo estudo da sciencia da vida ².

¹ Marcar os limites da intervenção da Mathematica no dominio das sciencias mais complexas foi tambem um trabalho importante de Augusto Comte. Este estudo veio corrigir as illusões e pretensões illimitadas dos calculadores que suppoem todos os problemas scientificos reductiveis á acção da algebra e da geometria.

² Vid. *Introducção á Sciencia social*, de Herbert Spencer, no artigo «Preparação pela Biologia».

Entre as duas sciencias — Mathematica e Sociologia — acham-se distribuidas, segundo o mesmo principio a Astronomia, a Physica, a Chimica e a Biologia.

O ponto de vista historico refere-se á epocha mais ou menos remota em que as sciencias, abandonando as concepções subjectivas e as explicações chimericas das *entidades*, se reduziram á verificação dos factos e das leis e ao estabelecimento de theorias apoiadas nos dados da observação e da experiencia, ou, para fallarmos a linguagem d'Augusto Comte, em que as sciencias sahiram do *estado methaphysico* para entrar no *estado positivo*.

Attendendo a este ponto de vista a serie subsiste ainda a mesma. As primeiras sciencias da hyerarchia comteana são precisamente as que ha mais tempo se encontram no estado de positividade, as ultimas, as que mais recentemente entraram n'elle.

É esta a razão por que as primeiras, as que formam o grupo physico-mathematico, têm realisado um numero de progressos incomparavelmente maior do que as do grupo biologico-social, ainda agora introduzidas no verdadeiro caminho que lhes compete seguir.

Do fundo d'esta classificação das sciencias abstractas, quaesquer que sejam as restricções que alguns auctores tenham julgado dever addicionar-lhe, resulta uma ideia profundissima, destinada a renovar o espirito do novo seculo e a servir de base racional a toda a educação completa — a ideia d'uma *disciplina mental* pelo estudo *systematico* das sciencias.

A gloria d'um tal pensamento, justamente apreciado hoje pelo grupo dos pensadores mais notaveis da Europa, cabe inteira ao grande philosopho, cuja obra fundamental teve para Littré, como elle se compraz em dizel-o, o valor d'uma iniciação philosophica.

Quando mesmo os trabalhos d'Augusto Comte tivessem parado aqui, não deixaria de ser elle na philosophia o vulto dominante d'este seculo. Comtudo os seus esforços foram ainda mais longe. Um dos seus maiores titulos, e de que não fallámos ainda, é certamente a criação da Sociologia.

É sabido geralmente que o methodo experimental, exposto e definido no seculo xvii por Bacon e seus discipulos, conseguira fructificar nas sciencias physicas de modo a não permittir no espirito uma sombra de duvida sobre a sua importancia real. Mas sabe-se egualmente que, por virtude d'um velho preconceito religioso e tambem por virtude da complexidade superior dos phenomenos moraes ¹, este methodo não tinha conseguido estabele-

¹ Sob esta denominação comprehendemos aqui tanto os phenomenos psicologicos como os sociacs.

cer, até ao advento do positivismo, dominio completo para além das sciencias biologicas.

Assim a Sociologia não passava d'uma multidão confusa e desconexa de factos, de que o espirito, falto d'um methodo proprio e dominado ainda pelas tendencias do *à priori* legendario, não conseguira destacar uma lei, um principio superior e dominante, faltava-lhe a verdadeira constituição scientifica; estabelecel-a foi obra de Comte.

Bem sei que alguns philosophos, entre elles Spencer e Stuart Mill, procuravam tirar ao chefe do positivismo francez a gloria d'este trabalho, pretendendo que antes d'elle muitos pensadores, divorciados com o criterio do *providencialismo*, consideravam já os factos sociologicos como phenomenos naturaes, tendo uma marcha regular e podendo submeter-se a leis evolutivas ¹.

É certo porém, como Littré e Wyrouboff o fazem notar, que ha uma differença muito profunda entre *conceber* como natural e regida por leis uma certa classe de phenomenos e *determinar* alguma d'essas leis e a marcha a seguir no seu descobrimento, tornando assim real o que primeiro era só subjectivo. Ha uma colossal distancia entre a douctrina negativa que se limita a rejeitar um criterio ou um ponto de vista falso e a douctrina positiva que affirma e sustenta o criterio novo que o deve substituir.

De resto sabemos muito bem que Augusto Comte teve tantos precusores quantos os sabios que até elle procuraram augmentar a somma real da positividade em todas as sciencias. É um axioma, resultante da comprehensão do progresso, que a originalidade absoluta não existe; o que certamente não invalida a ninguem a legitima pretensão de ter emittido uma ideia nova ou de ter assentado sobre materiaes existentes uma construcção antes desconhecida.

(Continúa).

JULIO DE MATTOS.

¹ Vêr sobre o assumpto em questão o livro de Stuart Mill: *Auguste Comte et le positivisme*, e as respostas de Littré e Wyrouboff no livro: *Auguste Comte et Stuart Mill*.

AS RAÇAS PREHISTÓRICAS DE PORTUGAL

De todas as sciencias que lidam na investigação do passado do homem durante os obscuros periodos da sua existencia primitiva sobre o globo, a anthropologia e a archeologia prehistoricas são as que mais atraz permitem remontar na noite dos tempos, graças à duração quasi illimitada que têm, em certas condições, os objectos sobre que exercem o seu estudo. A primeira d'essas sciencias, alem d'esta vantagem, accresce ainda a de ser a unica que nos dá conhecimento dos caracteres phisicos do homem primitivo por estudar directamente os seus proprios restos; cabendo-lhe portanto, como fim especial, a descripção das raças prehistoricas, sem o conhecimento das quaes se torna incompleto o estudo das modernas. A esta circumstancia se deve attribuir o grande desenvolvimento que a anthropologia prehistorica tem tido e continúa a ter lá fóra, principalmente em França, onde aos progressos d'esta sciencia se acham vinculados os nomes de sabios como Pruner-Bey, Broca, Quatrefages, Hamy, Topinard, e outros não menos illustres.

Comtudo apesar do exemplo dado por outras nações, forçoso é confessar que sobre esta especialidade pouco se tem feito em Portugal. O unico estudo, propriamente de anthropologia, que, ácerca das raças prehistoricas d'este paiz, foi presente ao congresso de anthropologia e de archeologia prehistoricas na sessão de Lisboa,

consistiu apenas em uma breve memoria em que fizemos a descripção succinta e uma tentativa de classificação dos craneos que, por esse tempo, existiam no museu da commissão geologica.

O trabalho que agora apresentamos é a ampliação do assumpto d'essa memoria. Na falta de quem com mais competencia do que nós tomasse sobre si este encargo, desenvolvemos o estudo que então havíamos feito, observámos um maior numero de craneos, e, alem d'estes, estendemos o nosso exame tambem aos ossos longos, o que, desde já o diremos, nos conduziu a resultados tão curiosos como inesperados. A seu tempo os mencionaremos.

Antes porém de entrarmos em materia, faremos n'este logar uma observação que servirá para justificar algumas das conclusões a que chegámos pelo estudo e comparação d'esses despojos humanos. Sendo estes em pequeno numero, talvez alguém julgue pouco fundamentada a generalisação que ás vezes fazemos dos caracteres n'elles observados; mas, em nossa defeza lembraremos que, embora poucos sejam, se dá a respeito d'elles uma circumstancia que, alem de facilitar o seu estudo e a sua classificação, auctorisa a generalisação a que alludimos. Esta circumstancia, tanto mais sensível quanto maior é a antiguidade dos restos considerados, consiste em uma differença mais pronunciada entre os typos das diversas raças, e em uma maior homogeneidade de caracteres nos individuos da mesma raça. Póde explicar-se este facto attribuindo-o ao isolamento em que viveram os primitivos agrupamentos humanos, e á sua permanencia durante periodos extensissimos nos mesmos logares, com os mesmos habitos, e sujeitos ás mesmas influencias exteriores. Modificado primeiro o organismo até á sua completa adaptação ás condições locais da existencia, a permanencia d'estas assegurou a inalterabilidade do typo adquirido. A pureza d'este typo só foi alterada mais tarde, quando as populações, á medida que iam crescendo, se iam tornando cada vez mais cosmopolitas.

Para explicar a uniformidade que particularmente se reconhece nos typos cephalicos d'essas raças primitivas, póde-se tambem invocar uma outra causa, cujos effeitos ainda hoje se observam entre as populações selvagens mais isoladas. Essa causa é o pouco desenvolvimento intellectual e a identidade das funcções mentaes em todos os membros do aggregado social. Nas sociedades civilizadas actuaes, diferenciadas em cathogorias hierarchicas, onde as funcções todas se acham divididas e especializadas, ha uma desigualdade muito grande na repartição do trabalho intellectual, e portanto no desenvolvimento dos cerebros; desigualdade que é attestada parallelamente por grandes divergencias no volume e na conformação dos craneos. Sem duvida, as circumstancias contra-

rias a estas que se deram com os povos prehistoricos, deviam produzir o effeito inverso, isto é: a homogeneidade das fórmulas craneanas.

Esta verdade que está bem reconhecida, e que nós mesmo tivemos occasião de constatar no decurso do nosso estudo, confere, ao que suppomos, um sufficiente grau de segurança a algumas hypotheses a que nos aventurámos baseando-nos sobre ella. Entretanto, se na exposição que vamos fazer, alguém tiver duvida em acceitar a parte que é puramente hypothetica, restar-lhe-ha ao menos a parte positiva — os factos, e, pelo que toca a estes, affiançamos que no seu exame procedemos sempre com o maior cuidado e escrupulo, o que aliás não é impossivel de se verificar ¹.

A RAÇA DOLICOCEPHALA DE MUGEM

Antes de descrevermos as raças humanas de que se encontram vestigios nos kjøkkenmøddings de Múgem, diremos algumas palavras ácerca da idade provavel d'estes curiosissimos e já celebres depositos. São de quatro especies os dados a que se póde recorrer para determinar approximadamente essa idade:

1.º — anthropologicos;

2.º — archeologicos;

3.º — geologicos;

4.º — paleontologicos.

Os dados anthropologicos são fornecidos pelo exame dos esqueletos. Uma quasi inalteravel uniformidade nos typos das duas raças, dolicocephala e brachycephala, que ahi se acham representadas, numerosos caracteres de inferioridade, sobretudo na primeira d'essas raças; eis o que a inspecção dos ossos nos revelou. N'este particular os caracteres anatomicos dos dolicocephalos de Múgem são de natureza a deixar bem satisfeitos os partidarios do transformismo, e é rasoavel inferir de taes indicios uma antiguidade enormissima para esses primitivos habitantes do valle do Tejo.

A archeologia é tambem favoravel a esta supposição. Effectivamente os objectos da industria humana recolhidos nos depositos

¹ Publicando este trabalho não podemos deixar de manifestar o nosso agradecimento ao director da secção geologica da commissão geodesica, o sr. Carlos Ribeiro, pela amabilidade com que nos franqueou o museu d'essa secção, e mandou pôr á nossa disposição os instrumentos craneometricos ahi existentes.

de Mugem, revelam uma industria rudimentar, incomparavelmente mais atrasada do que a que caracteriza a idade neolithica.

São de mais força ainda as provas adduzidas pela geologia. Sem entrarmos na exposição detalhada das razões que conduzem a esta affirmação, diremos apenas que, pelo simples aspecto dos côrtes que se fizeram nos kjøekkenmøddings com o fim de tornar patente a sua constituição interior, é licito crer que elles fossem formados ainda na época quaternaria.

A plena confirmação de todas estas indicações parciaes está provavelmente reservada á paleontologia. Da determinação das especies animaes encontradas nos jazigos de Mugem depende sem duvida a resolução definitiva do problema. Este encargo, bem como o de examinar a questão tambem pelo lado da geologia, tomou-o sobre si um eminente geólogo, nosso compatriota, que brevemente patenteará os resultados do estudo a que agora se acha applicado.

A raça dolicocephala de Mugem é caracterizada pelas seguintes particularidades: mui pequena estatura (a media das estaturas regula pela das raças mais pequenas que hoje se conhecem); as proporções dos ossos longos mui diversas das do homem europeu actual, e bem assim das de todas as raças humanas estudadas; craneos de pequenissimo volume; dolicocephalia mui pronunciada; faces compridas e prognatas, sendo o prognatismo principalmente sub-nasal. Cumpre tambem notar que a ossificação das suturas começa sempre de diante para traz, ao inverso do que se observa nas raças superiores.

Alem dos craneos cujas dimensões tomámos, ha ainda no museu geologico muitos outros da mesma procedencia, evidentemente dolicocephalos, que não podémos medir por estarem deformados e incompletos. Comtudo, unicamente pelo seu aspecto, é frcil reconhecer que têm caracteres analogos e dimensões sensivelmente eguaes ás dos craneos isentos de deformação a que acabamos de nos referir.

Todos os craneos dolicocephalos que medimos pertenceram a adultos. As differenças sexuaes são mui pouco pronunciadas, prevalecendo como regra os caracteres masculinos. Não se encontra nos craneos de mulher a suavidade de contorno, a delicadeza de fórmãs, que n'outras raças caracterizam o typo feminino; só depois de adquirirmos bastante pratica, e de termos, por assim dizer, educado a vista, conseguimos reconhecer os caracteres pelos quaes os dois sexos n'esta raça se differencam. Os craneos de mulher são um pouco mais pequenos, um pouco menos espessos, e têm as bossas supraciliares fracamente pronunciadas, ás vezes nullas, ao inverso de alguns outros que não hesitámos em reputar genuinamente masculinos, por apresentarem, entre outros ca-

racteres, essas protuberancias extraordinariamente desenvolvidas. Todavia, como este caso não se dá com muita frequencia, e os outros caracteres que apontámos são muito falliveis, forçoso nos foi deixar indeterminado o sexo de um numero relativamente consideravel de craneos e de fragmentos de craneos, quando, para os examinarmos methodicamente, quizemos separar os masculinos dos femininos.

Mencionámos a saliencia das bossas supraciliares. Por esta particularidade, por serem accentuadamente dolicocephalos os craneos de que tratamos, e ainda por terem mui pequeno volume, parecerá talvez que devem ser referidos ao typo de Canstadt, porém tal approximação seria viciosa, porque a outros respeito differem muito do typo d'essa raça. Assim não apresentam o achatamento da região superior, a *dolicoplatycephalia* dos craneos de Canstadt, nem têm como estes a testa inclinada e deprimida, e o occipital exageradamente saliente. Pelo contrario, a região anterior do frontal, ainda que pouco elevada, sobe quasi verticalmente, as porções superiores dos parietaes são regularmente encurvadas, começando estes ossos a flectir-se mui suavemente no começo da sua metade posterior, até tomarem á distancia de tres ou quatro centimetros acima do lambda uma direcção constante e mais ou menos proxima da vertical, direcção que é invariavelmente seguida pela região cerebral do occipital até dois ou tres centimetros acima do inion, sem que no logar da sutura lambdoide se note qualquer proeminencia ou relevo.

Vê-se portanto que apenas muito poucos dos caracteres primitivos da raça de Canstadt apparecem na de Mugem, e que não ha rasão para se attribuir a esta ultima parentesco com aquella.

Para completarmos esta rapida descripção dos craneos de Mugem, apresentaremos ainda as medias das capacidades, das projecções anteriores e posteriores, e dos principaes angulos e indices. Melhor do que as simples dimensões lineares, os indices dão ideia das fôrmas e proporções craneanas.

Capacidade craneana.....	1:221 ^{cc}	media de 2 craneos
Projecção anterior do craneo.....	95 ^{mm}	} " 3
» posterior.....	97 ^{mm}	
Angulo facial de Camper.....	74°	» 4
» occipital de Daubenton.....	7°	» 4
Indice cephalico.....	73,80	» 7
» vertical.....	73,71	» 5
» frontal.....	70,88	» 7
» facial.....	68,62	» 3
» nasal.....	48,94	» 3

Como se vê, as projecções, os angulos e os indices não foram fornecidos pelo mesmo numero de craneos, devido ao estado in-

completo de alguns, nos quaes não podemos tomar todas as dimensões. Recorremos a elles unicamente para tornarmos mais numerosas as series de algumas medidas, buscando assim attenuar, ao menos em relação á media d'estas, o erro proveniente das variações individuaes.

Pelo exame d'estas medidas e indices vê-se que :

1.º—A capacidade dos craneos de Mugem é mui pequena, menor ainda do que a dos craneos da raça hoje em dia menos favorecida a este respeito, a australiana, cuja capacidade craneana media o sr. Topinard avalia em 1:224^{cc} ¹.

2.º—A projecção anterior é um pouco menor do que a posterior. Comtudo a região anterior do craneo é mui pouco desenvolvida em relação á posterior, e, se as duas projecções são quasi eguaes, é isso devido á grande extensão da região facial, extensão que não medimos mas que é attestada pela pouca abertura do angulo facial.

3.º—A raça de Mugem é caracterisada tambem por um prognathismo consideravel, denunciado pelo angulo facial medio de 74º. Este angulo nos quatro craneos em que o medimos oscila entre 73 e 75º.

4.º—O angulo occipital de Daubenton egual a 7º indica que o orificio occipital se acha bastante desviado para traz, como nas raças inferiores. Este angulo, medido em quatro craneos, teve sempre mui proximamente o valor de 7º.

Estes caracteres que acabamos de mencionar são todos indicativos de inferioridade de raça. Os restantes, revelados pelos indices, são a este respeito perfeitamente indifferentes, (com excepção do nasal). Examinando esses indices vê-se que os craneos são dolicocephalos puros; que alem de compridos são tambem altos; que as faces são alongadas, e que este caracter coexiste com uma tal ou qual largura do nariz, que chega a ser mesorrhinico. O indice frontal nada offerece de notavel; a sua elevação relativa é devida, não á largura da testa, mas a serem pouco desenvolvidos os parietaes no sentido da largura do craneo.

Dito isto a respeito dos craneos, passaremos á descripção dos ossos longos. Pondo de parte um certo numero d'estes, pertencentes a duas ossadas, que, pela sua grandeza e pelas suas proporções, contrastam com as dimensões e as respectivas relações

¹ Cubámos só dois craneos porque os mais não se prestavam a esta difficil operação. São ambos de adultos, um masculino e outro de sexo indeterminado: o primeiro mediu 1:241^{cc}, o segundo apenas 1:200^{cc}. Apesar de não se poderem cubar os outros craneos dolicocephalos, vê-se todavia que o seu volume deve regular pelo d'estes.

dos ossos longos da grande maioria dos esqueletos de Mugem, — sendo por isso rasoavel suppôr, como depois mostraremos, que correspondem aos craneos brachycephalos ¹, — enumeraremos em primeiro logar os seguintes caracteres: incurvamento dos cubitos, saliencia das linhas asperas dos femures, estriamento longitudinal dos peroneos e platycephalia das tibias. Simultaneamente com estes caracteres observa-se ás vezes a perfuração da cavidade olecraneana do humero, (de 41 esqueletos 11 manifestavam esta particularidade; são 26,8 por %). Affiança o sr. Topinard que este ultimo caracter nunca se encontrou juntamente com aquelles ²; registramos portanto este caso como excepcional.

No quadro seguinte apresentamos as proporções dos ossos longos nos esqueletos que podemos medir ³. Para obtermos estas proporções tomámos as dimensões absolutas dos ossos, excluindo das tibias a maleola interna, e fazendo-as assim terminar na cavidade onde entra o astragalo; porém nos radios conservámos a apophyse styloide, visto assim estar convencionado, apesar do ante-braço acabar realmente na cavidade em que se articula o carpo. Para comparação transcrevemos de Paul Broca e do sr. Topinard as relações dos membros e dos segmentos dos membros no europeu e no negro ⁴.

	Homens de Mugem	9 Europeus	16 Negros
Humero + radio : femur + tibia = 100....	69,39 — 2 esquel.	69,73	68,27
Radio : humero = 100.....	79,38 — 6 »	73,99	79,40
Tibia : femur = 100.....	79,54 — 6 »	79,72	81,33
Humero : femur + tibia = 100.....	38,50 — 2 .	40,11	38,20
Radio : femur + tibia = 100.....	31,61 — 4 »	29,54	30,38
Humero : femur = 100.....	69,52 — 3 »	72,20	68,97
Clavicula : humero = 100.....	47,41 — 3 »	44,63	46,74

Vemos em primeiro logar que o membro superior nos homens de Mugem é mais comprido relativamente ao inferior do que o do negro, e um pouco mais curto do que o do branco. Sendo o braço comprido um caracter simiano, acha-se o branco n'este particular

¹ Infelizmente, esses dois esqueletos a que nos referimos não vieram para o museu acompanhados dos respectivos craneos, pelo que não podemos ter a prova segura do que avançamos com visos de probabilidade.

² Topinard, *L'Anthropologie*, pag. 235.

³ Excluimos os pertencentes a individuos muito novos.

⁴ *L'Anthropologie*, pag. 327. — *Sur les proportions du bras, de l'avant-bras et de la clavicule dans les nègres et les Européens*, por Paul Broca, in *Bull. Soc. anthrop.* 1862. *Sur les proportions relatives des membres supérieurs et des membres inférieurs, chez les nègres et les Européens*, pelo mesmo, in *Bull. Soc. anthrop.* 1867.

mais mal contemplado do que o negro, e por este caracter o homem de Mugem aproxima-se d'elle.

Em segundo logar observamos que a proporção do radio para o humero é muito maior no homem de Mugem do que no Europeu, sendo quasi a mesma do negro. No gorillo essa proporção é 79,8¹. Assim, com respeito ás dimensões do radio, tanto o homem de Mugem como o negro se approximam mais d'este anthropoide do que do Europeu.

Em seguida temos que a tibia em relação ao femur é um pouco menor na raça de Mugem do que na raça europêa, e muito menor do que na negra. O sr. Topinard suppõe que a tibia é em geral mais curta no anthropoide do que no homem²; portanto o branco acha-se a este respeito mais desfavorecido que o negro, e o homem de Mugem mais ainda do que o branco. Por uma singularidade notavel, a raça que estudamos só se approxima da europêa actual pelos caracteres inferiores que esta apresenta.

A relação do humero para o membro inferior, muito menor no homem de Mugem do que no Europeu, e um pouco maior do que a correspondente no negro, mostra que a grandeza da relação do radio para o humero no primeiro, provém tambem da curteza d'este ultimo osso. Esta proporção do humero para o membro inferior varia muito de uma raça para outra, mas, como as demais proporções, não varia em progressão serial: assim, ao passo que no homem de Mugem e no negro se conserva inferior á do Europeu, na Venus hottentote, segundo Broca, sobe a 41,20.

A relação seguinte, do radio para o membro inferior; confirma o que a segunda relação indicou, isto é, o grande desenvolvimento do radio. É proporcionalmente maior do que o do negro.

Do mesmo modo, a sexta relação confirma as indicações que a segunda e a quarta forneceram, relativamente á curteza do humero na raça que estudamos.

Finalmente pela ultima relação reconhece-se que a clavicula é consideravelmente maior na raça de Mugem do que nas outras duas. Na Venus hottentote, segundo Broca, a relação da clavicula para o humero é 42,02; e em um esqueleto de Esquimó, 43,89. N'estas diferentes raças o comprimento relativo da clavicula varia em progressão crescente desde a Venus hottentote até o homem de Mugem.

Em resumo, vê-se que a raça que descrevemos é caracterizada tambem a respeito dos seus ossos longos por particularidades que

¹ Vide Topinard, *L'Anthropologie*, pag. 91

² Id. *ibid.* pag. 92.

a collocam muito em baixo na escala das raças humanas. A grandeza do ante-braço relativamente ao braço é, de entre os caracteres que apresenta, o mais decididamente simiano. Reconhecem-se todavia, a par d'esses indícios, outros, em menor numero, que lhe são favoráveis. Confirma-se assim mais uma vez a ausencia de gradação dos caracteres de inferioridade nas differentes raças. É mais um facto a depôr contra a doutrina do monogenismo.

Trataremos agora de determinar a estatura media dos homens de Mugem ¹. Não podendo obter directamente essa estatura, procuraremos ao menos estabelecer dois limites, não muito affastados, entre os quaes ella se comprehenda.

Obtivemos para media de tres humeros de homens adultos o comprimento 0^m,284, e para media de cinco femurs tambem de adultos do sexo masculino, 0^m,408 ². Vimos que na raça de Mugem os humeros são mais curtos em relação aos outros ossos do que na raça branca, sendo pelo contrario os femurs proporcionalmente mais compridos. Portanto, se suppozermos que subsistem para a raça de que tratamos as proporções do humero e do femur para a estatura total na raça branca, e multiplicarmos os dois comprimentos 0^m,284 e 0^m,408 pelas relações numericas entre a mesma estatura e esses dois ossos no branco, obteremos dois numeros, que se affastarão, um para mais e outro para menos, da estatura que não conhecemos. As grandezas relativas do humero e do femur para a estatura supposta = 100, são, segundo Humphry, no Europeu : humero = 19,54, e femur = 27,51; os dois numeros de que fallamos são pois

$$\frac{100}{19,54} \times 0^m,284 = 1^m,453, \text{ e } \frac{100}{27,51} \times 0^m,408 = 1^m,483.$$

Entre estes dois limites deve ficar comprehendida a estatura media da raça dolicocephala de Mugem.

Olhando para a lista que o sr. Topinard apresenta das estaturas medias de differentes raças humanas ³, vê-se que, pelo que respeita á altura, os homens de Mugem estão a par dos Negritos, uma das ultimas raças d'essa lista. Esta exiguidade da estatura condiz com o pequeno volume dos craneos.

(Continua.)

FRANCISCO DE PAULA E OLIVEIRA.

¹ Continuamos a referir-nos sómente aos dolicocephalos.

² Estes femurs e estes humeros foram os unicos que reconhecemos terem pertencido com certeza a homens adultos dolicocephalos.

³ *L'Anthropologie*, pag. 353.

CARMINA MAGICA

DO

POVO PORTUGUEZ

*Carmina vel caelo possunt deducere Lunam :
Carminibus Circe socios mutavit Ulysses :
Frigidus in pratis cantando rumpitur anguis.*

(VERGILIO, — *Egloga VIII*, V. 69-71).

As fórmulas cultuaes podem dividir-se em duas grandes categorias: *esconjuro* e *adoração*. No *esconjuro*, o mal tem de se submeter ás fórmulas; na *adoração*, a divindade dispõe de vontade própria.

O *esconjuro* comprehende os exorcismos, as cruces, e n'elle se emprega a agua, sal, ramos, etc. A expiação, como bater no peito e na face, o baptismo, etc.: fazem ainda parte d'esta classe. São principalmente seus sacerdotes os *bentos* e *exorcistas*.

A *adoração* subdivide-se ainda em: *préce*, *acção de graças* e *adoração propriamente dita*. Na *préce* dá-se ás vezes um facto notavel: quem pede, não só pede um bem para alguém, mas um mal para outrem. Exemplos: n'uns versos que se cantam em Guimarães por occasião dos *Reis* ha esta quadra:

Quem diremos nós que viva
Na folhinha da açucena?
Viva o sr. d'esta casa,
E morra quem lhe causar pena;

quando se mette o pão no forno (Minho), faz-se uma cruz com a pá, e diz-se :

Deus te abençoe
Dentro do forno
E fóra do forno,
E o meu visinho
Que coma um corno.

N'este meu trabalho vou colleccionar tres ordens de documentos : *ensalmos, orações e formulas diversas.*

A proposito dos ensalmos acho n'um livro do seculo xvii a seguinte definição :

«ENSALMI sunt quaedã benedictiones siue imprecationes confectæ ex certa verborum, præsertim sacrorum, formula, interdum que siue ex materia aliqua, vt vino, ac pano, certo partium numero complicato : quibus homines præcipuè, vt ferunt, Hispani vtuntur tam ad vulnera, morbosque alios curandos, & nocumenta varia repellenda, vt quæ euenire possunt ex tempestatibus; venenosis ac feris animantibus, & similibus; tum ad bona alia maxime temporalia obtinenda. Vnde, in rigore loquendo idem sunt at q̃ incantationes. (DE INCANTA — TIONIBVS SEV — ENSALMIS — *auctore Emanuele do Valle de Moura, — Eboræ, anno 1620, fl. 1.*)»

Os ensalmos, como todas as outras fórmulas e orações, datam de uma alta antiguidade, conforme se reconhece não só pelo seu character actual, mas pela comparação com o que do mesmo genero existe no estrangeiro. Assim, uma fórmula bretã recolhida por Sauvè nos *Proverbes et dictons de la Basse-Bretagne*, n.º 907 (na *Revue Celtique*) e por elle assim traduzida :

Salut, pleine lune,
Emporte celles-ci (ces verrues)
Avec toi loin d'ici

é parecida com outras que eu collecciono adiante. Em Veneza, segundo Bernoni (*Credenze popolari veneziane*, apud Governatis, *Myth. des Plantes*, pag. 111), para se expulsar a febre, liga-se o tronco de uma arvore, e diz-se sem respirar :

Qua te meto,
Qua te lasso,
E me ne vago a spasso;

e entre nós, para curar as impigens e verrugas, é tambem preciso dizer muito depressa, sem tomar folego, algumas fórmulas, uma das quaes é :

Verrugas trago,
Verrugas vendo:
Aqui as deixo,
E vou correndo.

Com relação a outras fórmulas que adiante vão, (§§ 29 e 34) cito este trecho de um hymno magico chaldaico ao sol: «Toi, dans ta venne, guéris le mal de sa tête... Soleil, à l'élévation de mes mains, viens à l'appel, etc.» (Lenormant, — *La Magie chez les Chaldéens*, Paris 1874, p. 15-17).

A analyse das fórmulas dos ensalmos não deixam de ser curiosas. Alguns terminam com uma comparação, às vezes nascida das proprias acções que o ensalmador realisa, como:

Assim tu séques,
Como este carvão (§ 28);

Assim como o padre vae para o altar,
Tres vezes vira o livro e torna a virar,
Assim a espinhela, espinhaço e baço
Torne a seu logar (§ 30);

Assim como o lume é quente,
.....
Esta escaldadura mais não lavre (§ 9)
etc.

Confirmamos agora varias fórmulas estrangeiras:

«Le mal qui bouleverse son corps,
.....
le sortilege, par la parole magique de Ea,
comme un oignon qu'il soit dépouillé!
comme une datte qu'il soit mis en pièces!
comme un noeud qu'il soit dénoué!

(Lenormant, — *Rev. Archeolog. Out.* 1877).

Comme cet oignon est depouillé de ses
tuniques, ainsi sera du malifice.
Le feu brûlant le dévorera;»
etc.

(id. ib.)

Eis mais uns versiculos do *Rig-Veda* (secc. 8, leit. v, pag. 576 seg. da trad. fr.), que ao mesmo tempo que patenteiam as virtudes das plantas, mostram a mesma analogia que eu queria achar:

«4) — O Plantes, ô mères divines, voici ce que je vous dis, etc.

13) — O Maladie, tombe ainsi que le geai (Tchâcha, *Caracias indica*) criard, le vent rapide; meurs, ainsi que l'alligator (Nihâcâ, ou iquana);

17) — J'ai chanté les Plantes qui descendent du ciel autour de nous ¹;

18) — O Somalatâ (*Asclepias acida*), tu es la reine de toutes ces Plantes abondantes et sages ²;

19) — Les plantes chassent la Maladie loin de notre corps. etc.»

Vergilio, na sua *Pharmaceutria*, que é um bello documento de magia, e que eu traduziria aqui toda, se me não faltasse o espaço, põe igualmente na bôca de Alphisibeu:

Linus ut hic durescit, et hæc ut cera liquescit,
Uno eodemque igni: sic nostro Daphnis amore.

(v. 80-81.)

Uma fórmula bretã, recolhida por Luzel e citada por Sauvé nos *Proverbes et Dictons*, n.º 909, diz:

«Dartre (herpes, etc.) va-t'en loin d'ici!
Ce n'est en ce lieu qu'est ta place.
(Elle est) dans un buisson d'ajoncs desséchés,
Sept champs de la montagne,
Trois fontainez de merci,
Oú tu n'auras coq chanter
Non plus qu'enfantelet pleurer.»

Este final é igual ao da *oração de Santa Barbara*:

Vou espalhar as trovoadas
Que no ceu andam armadas,
Deital-as para a serra do Marão,
Onde não haja palha nem grão,
Nem meninos a chorar,
Nem gallos a cantar,

e a est'outro que vem no livro mystico *Mestre da Vida* e que esconjura os *espíritos immundissimos* que produzem as trovoadas:

«... et eas dispergatis in locis sylvestribus, et incultis, quatenus nocere non possint hominibus, animalibus, fructibus, herbis, ar-

¹ Uma cantiga popular de Feira diz:

O cravo cahiu do ceu
Deu na pedra, ficou coxo;
O lirio, com sentimento,
Logo se vestiu de roxo.

(Vid. a minha *Cosmogonia Pop. Port.* VIII, 1.)

² Outra cant. pop. diz:

O' alecrim, rei daservas!

(Vid. a minha *Mitholog. Botan.*, I.)

boribus, aut quibuscumque rebus, humanis usibus deputatis.» (pag. 269, ed. de Lisboa de 1878).

Os livros de exorcismos gosam ainda de uma certa importancia entre o povo, e os livreiros aqui no Porto vendem-nos relativamente caros. N'esses livros acham-se muitas praticas tradicionaes, e fórmulas mais ou menos christianisadas. N'uma *Pratica de exorcistas e ministros da Igreja*, pelo padre Bento Remigio, traduzida e acrescentada pelo padre M. Rodrigues Martins (Coimbra, 1694, de 440 pag.) lê-se a pag. 107: «... he doutrina commua dos Autores, que as creaturas incensiveis, & irracionaes, como são as nuves, trovões, & relampagos, langostas, & pulgão, & os demais animaes brutos propriamente, não se conjuraõ, porque não são capazes de objuração, que se faz por rogos; & petição, ou por imperio: *Et est opus rationis practicæ*. De maneira que o Exorcista em os Conjuros sò incaminha suas orações a Deos, pedindo-lhe, que nã nos castigue por nossas culpas, & talvez com imperio manda ao demonio, a que não use destas creaturas pera fazernos damno.»

A prova, porém, de que nos conjuros ha uma tradição pagã, e de que o Diabo substitue as divindades dos elementos, está entre outros, no seguinte de pag. 224-5: «Conjuro te aër ✠ per Deum Omnipotentem, . . . ut non habeas potestatem continendi aliquo loco istum spiritum nequam, & nefandum, nec omnes faventes sibi, sed ipsum à te rejicias, *sicut ejecit Dominus Cain à facie sua*.» (cf. o que dissemos acima, a respeito das comparações).

Pois, se os elementos brutos são insensiveis, para que é que o Exorcista lhes falla?

*

Nada do que nos nossos Ensalmos apparece, lhes é peculiar. O numero tres, encontramol-o, por exemplo, na citada egloga de Vergilio:

Terna tibi hæc primùm triplici diversa colore
Licia circumdo, terque hæc altaria circum
Effigiem duco: numero Deus impare gaudet.

(v. 73-75.)

Na obra *De re rustica*, de Catão, achei a seguinte receita tradicional para os bois: «Si morbum metues, sanis dato salis micas III, folia laurea III, porri fibras III, ulpici spicas III, alií spicas III, thuris grana III, herbæ sabinæ plantas III, rutæ folia III, vitis albæ caules III, fabulos albos III, *carbones vivos* III, vini s. (*sextarios*, medida) III. Hæc omnia sublimiter legi, teri, darique oppor-

tet. *Iejunus sit qui dabit. Ter triduum* de ea potione unicuique bovi dato, etc. (cap. LXX),

N'esta receita ha, como se vê, a mesma menção do numero tres, — o que é mais um exemplo entre mil, — a obrigação do ensalmador estar em jejum, como no nosso § 39, o emprego de carvão, como no § 28, do sal *passim*, e de certas plantas communs ás tradições portuguezas. Horacio, n'uma das suas interessantes odes, prescreve igualmente, ao lado do *farre pio*, a necessidade do *saliente mica* (lib. III, od. XVII).

Em quasi todos os nossos ensalmos se invoca uma grande porção de santos; nas fórmulas chaldaicas lê-se tambem :

«Esprit du ciel, souviens-toi! Esprit de la terre, souviens-toi!
«Esprit de Moul-ge
«Esprit de Nin-golal,
«Esprit de Nin-sar,
«Esprit de Pakon,
«Esprit de En-zonna, etc.»

(Lenormant, — *La Magie chez les Chaldéens*. Paris 1874, in-8.º pag. 15-17).

Tito Livio traz n'uma das suas paginas esta oração: «Jupiter, inquit, optime, maxime, Junoque Regina, ac Minerva, ceterique dii deaque, qui Capitolium arceinque incolitis» (lib. VI, 16).

A fórmula que dou no § 11 tem alguma semelhança com esta chaldaica :

= «Silk-moulou-khi l'a secouru; — vers son père Ea dans la demeure il est entré, et il l'a appelé: «Mon père, la maladie de la tête est sortie des enfers,» ... Ea à son fils Silik-moulou-khi a répondu: «... Viens, mon fils Silik-moulou-khi. — ... Prends un sean; — puisse de l'eau à la surface du fleuve. — Sur ces eaux, pose ta lèvre sublime; — par ton souffle sublime, fais-les briller de pureté. — ... Secours l'homme fils de son dieu; ... enveloppe sa tête. — ... Que la maladie de la tête (s'en aille). — Que la maladie de sa tête se dissipe comme une rosée nocturne.» Que la précepte de Ea le guerisse! Que Davkina le guérisse! Que Silik-moulou-khi, le fils aimé de l'océan, forme l'image secourable!» = (Lenormant, — op. cit. p. 21-22).

Por estas e outras comparações se vê bem que os santos e divindades do Christianismo invocadas nas fórmulas dos Portuguezes não fazem senão occupar os logares das divindades pagans. Os santos são tambem advogados de certas doenças; S. Silvestre, que tanto figura nos nossos ensalmos, gosa de certa veneração,

e até na Beira Alta, a proposito da romaria d'elle, no dia 31 de dezembro, dizem:

Quem vae para o S. Silvestre
Vae um anno e vem no oitro, e nunca se despe.

A rima, porém, pôde talvez em alguns casos influir sobre a designação dos santos, como sou levado a concluir de certas fórmulas.

I

ENSALMOS

1.º **Para talhar o bicho.** — Péga-se n'uma faca, e faz-se uma cruz sobre a parte doente, a cada verso que se diz:

Talho bicho e bichão,
E sapo e sapão,
E cobra e cobrão
E bicho de toda a nação.
Tudo aqui talho
Polo poder de Deus
E da Virge-Maria
E de S. Pedro e S. Paulo

E milagroso S. Silvestre
Q'anto eu faço
Tudo aqui preste;
E N. S. Jêsu-Christe
Seja o verdadeiro mestre
Que t'ó talhe
E sare. Amen.

(Resa-se um P. N. e A. M. pelas almas.)

2.º **Para talhar a zipla (*erysipela*).** — Péga-se em lã de ovelha viva, molha-se em azeite, e fazem-se cruces, tocando com a lã no corpo do doente:

bis { Jesus,
Nome de Jesus!

É nome de toda a virtude
Pedro-Paulo foi a Roma,
Jêsu-Christo encontrou
E elle le perguntou:
— Pedro-Paulo, que vae por lá?
— Senhor, morre muita gente

De zipla e ziplão
— Toma lá, Pedro, e talha
Co'ó azeite da oliva
E lã de ovelha viva.

*
Azipla mais não labraria,
Polo poder de Deus
E da Virge-Maria, etc.

(Como o precedente).

(Resa-se o mesmo.)

3.º Para talhar a dada no peito. — Pega-se n'um pente, talha-se com o arrepio para cima, no peito doente, e diz-se :

O bô home me deu pousada,
A má mulher me fê-la cama
Em cima das vides,
Em cima da lama.
Bai-te, dada,
D'êsta mama.

(Resa-se egualmente.)

4.º Para talhar o fogo e o ar. — Pega-se em tres olhos de sabugueiro, cada olho com tres folhas, e fazem-se cruces com elle em volta da fogagem. Diz-se :

Sempre-verde ¹ venerado,
Na campa do Sr. fostes achado
Sem ser nado
Nem sameado :
Talha este fogo

Este reborado,
Ar de vivo ou morto excommungado.
Tudo aqui talha
Polo poder de Deus
E da Virge-Maria, etc.

(Como no primeiro.)

(NB. Estes quatro ensalmos foram ditos pela ensalmadora Rosa Maria da Silva, de Penaguião, concelho de Famalicão).

5.º Para talhar uma dôr de estomago, etc.

A Senhora tem tres filhas,
Uma cose, outra fia,
Outra corta o raminho de azia.
P. N. e A. M.

(Gandra.)

6.º Para talhar o ar. — Leva-se o menino ao pé de uma fonte ² (à meia noite), esparrinha-se agua sobre elle, e vira-se depois o menino para as estrellas. Diz-se então :

Ar vejo
Lúa vejo
Estrellas vejo,

O mal do meu corpo
P'ra trás das costas o despejo.

(Fareja, c. de Fafe.)

¹ *Sempre-verde* é o *Sabugueiro*. No livro de Holmboe, — *Traces de budhisme en Norwége* (Paris, 1857, in-8.º) lê-se, que n'um templo de Upsala, na Suecia, estava, segundo a tradição uma arvore sagrada, *sempre-verde* (pag. 45-47. O gripho pertence ao livro.)

² No tom. 1, pag. 485, da *Revue Celtique* diz-se que na península de Coronailles levão as creanças ás fontes porque as aguas tem virtude.

Nos arrabaldes de Guimarães ha uma fonte chamada *Fonte-Santa* aonde levão as creanças na noute de S. João para lá lhes talharem o ar.

7.º **Para o mesmo.** — Vae-se a uma fonte durante nove dias (a novena inteira é 9 vezes) ou tres dias (3 vezes por dia) a oito, e diz-se :

Ar e ceu, estrellas vejo
Se eu tenho algum ar,
Ou algum arejo
P'ra trás das costas o despejo.

De cada vez que se diz isto, deitam-se tres pitadas de sal para trás das costas. Ha-de-se ir por um lado e vir pelo outro, sem olhar para trás.

(Villa-Marim, em Traz-os-Montes.)

8.º **Para talhar o tisorelho.** — Quem tem tisorelho, vae buscar o jugo, ainda quente do boi, e põe-no ao proprio pescoço (Famalicão; Guifões, c. de Bouças). Em Guifões diz-se n'essa occasião :

Tisorelho,
Vae-te d'aqui,
Que bois e vaccas
Cângão aqui.

9.º **Para talhar a escaldadura.** — Fazem-se tres cruzes no ar sobre o sitio escaldado, e diz-se :

Assim como o lume é quente
E a agua é fria,
Assim como N. S. J. C.
É filho de V. Maria,

Assim como isto que eu digo
Tudo é verdade :
Esta escaldadura mais não lavre.

(Minho.)

10.º **Talhar o fogo.** — Fazem-se tres cruzes no ar com um ramo de sabugueiro, e diz-se :

Sempre-verde bem fadado,
Fostes nascido sem ser semeado,
Na campa de N. S. J. Christo
Fostes achado ¹,
Para talhar este fogo
E este reborado,
E este cão e este máo olhado,
De lume e cama e lar sagrado
Em louvor de S. Thiago.

(Rese-se um P. N. e uma A. M.)

(Minho.)

¹ Cf. as lendas em que se falla de plantas brotando dos tumulos.

11.º **Talhar a erysipéla.** — Fazem-se cruces com uma faca, ou com o sempre-verde e azeite, sal e agua. Diz-se :

Pela serra da Naia passei,
 Bichos e bichas, sapos e cobras matei,
 S. Cecilia encontrei,
 Tres filhas tinha,
 Uma pela agoa a baixo,
 Outra pela agoa a cima,
 Outra foi visitar N. Senhora
 E le perguntou que remedio le daria :
 — Talha-l'a rosa vermelha
 Que le come e doe e prce,
 Com sal do mar,
 E agoa da fonte
 E herva do monte.
 Com poder de Deus e da V. Maria
 E todos os santos e santas ;
 Em louvor de S. Pedro e S. Paulo,
 Em louvor de S. Silvestre
 Que tudo o que eu fizer tudo preste.

(Fareja, c. de Fafe.)

12.º **Talhar o cobrêlo** (*herpes*). — Deitam-se cinzas de palhas alhas em agua fria, e pegando n'um bocado de esparto a servir de hyssope, diz-se :

— Ai, Senhor, que tenho medo
 — Não temas, Pedro,
 Qu'isso é um cobrêlo,
 Dá-lhe com agoa da fonte
 E com esparto do monte,
 Co'a ajuda de Deus
 E da Virgem-Maria
 Elle abalaria.

(P. N. e A. Maria.)

(Cadaval, na Extremadura.)

13.º **Outra fórmula.**

Em louvor de Santa Andreza
 E de Santa Andrezinha,
 Com agua das tres fontes,
 E um raminho de oliveira
 Me curou o cobrelo que tinha.

(Bate-se nas herpes com o tal improvisado hyssope molhado na agua.)

(Cadaval.)

14.º **Cortar a toupa.** — É o nome que as mulheres dão á cura de quaesquer furunculos, que ellas dizem devidos ao *ser peçonhento da toupeira*. Para se possuir essa virtude, é preciso ma-

tar-se uma toupeira, guardando d'isso segredo durante um anno. A fôrma do curativo é benzerem nove vezes o furunculo, sendo uma vez cada dia, acompanhando esse facto com o seguinte dizer :

Bicho, bichinho matei,
Do que segredo guardei.
Em louvor da V. Maria,
Padre Nosso e Ave Maria.

(Monção.)¹

15.º Talhar o unheiro. — Pega-se n'uma faca e fazem-se cruces sobre o olho inflammado, dizendo :

Unheiro forte, tem-te em ti,
Assim como o Sr. se teve em si ;
Unheiro forte, tem-te no teu corpo,
Assim como o Sr. se teve no Horto ;
Unheiro forte, tem-te nas tuas veias,
Assim como o Sr. se teve á hora das suas ceias.
Pelo poder de Deus
E de S. Silvestre
E tudo o que te eu faço preste,
E Deus seja o teu divino Mestre.

(Melres, no c. de Gondomar.)

(NB. Diz-se isto tres vezes e rezam-se tres P. N. e tres A. Marias.)

16.º Talhar a erzypéla. — Vão-se buscar ao monte tres caninhos de *carcódia* (urze?) e deitam-nos em agua com azeite. Depois anda-se com a *carcódia* em volta da parte doente, e diz-se :

Em Jesus, nome de Jesus seja !
Eu que talho? Erzypola.
Com esparto do monte
E agoa da fonte,
Que logo lhe abrandará.

(Guifões, c. de Bouças.)

17.º Talhar o arujo (argueiro). — Quando cae um arujo n'um olho, diz-se :

Corre, corre, cavalheiro,
Pela porta do ferreiro,
Que lá vem Santa Luzia²
P'ra me tirar este arujeiro.

(Aijó.)

¹ J. Dantas de Sousa, no *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro*, para 1876.

² *Santa Luzia* é advogada das molestias dos olhos (cf. *Luz*). Num livro *VITE SANCTORUM*, ed. de 1537, lê-se: *Erat tunc Syraeusis Paschasius truculentus tyrannus, qui forma virginis (S. Luzia) incensus, conciliatricem nisit cum muneribus, que diceret, ipsum splendore captu oculorum, perditte deperire eam. LUCIA nõ ferens lenocinium, avulsos extemplo oculos remisit ad amãtem.* (fl. vi, v.)

18.º **Talhar as gretas das mãos.** — O ferido colloca a mão sobre um pucaro de barro que está de boca para baixo n'uma gamella cheia de agua a ferver, e sobre a mão uma maçaroca ou novello em que o curandeiro ou curadeira finge estar constantemente cosendo. Dizem-se estas palavras :

(Curand.º :)	— Jesus! nome de Jesus!	Pelo poder
	Eu que coso?	Da V. Maria
(Doente :)	— Carne aberta,	Que me ensinou
	Fio torto.	O que eu sabia.
(C. :)	— Isso mesmo	—
	É o que eu coso	

(Se a agua subir da gamella para o pucaro, o doente sara ; se não, não.)
(Guimarães.)

19.º **Talhar pés quebrados.** — Diz-se tres vezes :

— Eu que coso?	
— Pé aberto,	
Fio torto.	
— Isso mesmo	
É que eu coso.	— (P. N. e A. M.)

(Alijó.)

20.º **Talhar os bichos.** — Pega-se n'uma faca e finge-se cortar, movendo-a sempre em cruz, enquanto se vae dizendo o seguinte :

Pedro-Paulo foi a Roma,	Vae curar esses males
Jesus-Christo encontrou.	Sapo e Sapão,
Jesus-Christo lhe perguntou :	Couxo e couxão,
— D'onde vens, Pedro-Paulo?	Aranha, aranhão,
— Venho de Roma	Bicho de toda a nação.
— E que vae por lá?	Eu te corto pelo rabo,
..... 1	Pelos pés e pela cabeça,
.....	E pelo coração.
— Torna atrás, Pedro-Paulo,	

(Em vez de se usar de uma faca, póde-se usar de tres folhas de silva, que se unem e movem em fórma de cruz).

(Alijó.)

(Uma mulher de Alijó disse a seguinte fórmula :

Eu te corto,
Bicho máo;
Rabo e cabeça,
Corpo e tudo,

e disse mais que em seguida se bate muitas vezes com uma faca n'uma ta-boa²).

¹ Aqui falta, mas deve ser uma resposta analoga á do ensalmo n.º 2.

² Os ensalmos n.ºs 17, 19, e 20 foram colhidos pelo intelligente moço e esperançoso poeta, E. Costa Macedo, a cuja amisade os devo.

21.º Para talhar o ar :

Ar de vivo,
Ar de morto,
Ar de excommungado,
Sae-te d'este corpo.

(Guimarães.)

22.º Para talhar o bicho :

Deus te fez,
Deus te criou,
Deus te desencanhe
Do que te encanhou.
Eu te talho,
Pela cabeça
E por o rabo,
Cobra, cobrão,
Sapo, sapão,

Todo o bicho da nação,
Que anda de rastos pelo chão :
Para que não cresças
E nem avessas,
Mas antes obedeças,
Que venhas a bom humor,
Assim como vem o cheiro á flor.

(Guimarães.)

23.º Para coser o pé :

— Eu que côso?
— A carne aberta
E fio torto.
— Isso mesmo
É que eu côso,
Em louvor de S. Gonsalo
P'ra que torne o pé ao seu estado.

Tem-se posto uma panella de agua ao lume, e apenas ferve, vira-se a panella com o fundo para o ar sobre um alguidar, e uma tesoura aberta atravessada sobre o fundo. Por cima o pé. Enquanto a agua recolhe para dentro, pega a curandeira n'uma agulha e cose n'um farrapo sobre o pé, ao mesmo tempo que diz a fórmula.

(Guimarães.)

24.º Talhar a azia. — Põe-se a pessoa sobre uma pedra. Quem talha está ao pé, e diz :

Talho-te a asia,
Talho-te a trella;
Sae-te burro
De cima d'essa pedra.

(S. Mamede de Infeita, em Bouças.)

25.º Talhar as aphtas. — Quando se vê uma luzinha em frente, diz-se :

Luzinha da parte d'alem,
Tira-me esta aphta
Que a minha boca tem.

(Douro.)

26.º Talhar o ar :

Se tu ar tinhas,
 Porque m'ò não dizias?
 Eu t'ò talharia
 Com tres palhas-alhas,
 Com tres maravalhas,
 Com tres teus,
 Com tres meus,
 Com tres da Maria do Matheus,
 E tres da tarracha
 E tres da velha quando se agacha.

(Basto, no Minho.)

27.º Talhar o bicho :

Com tres palhas-alhas,
 Com tres maravalhas,
 Com tres . . . meus.
 Com tres do meu cão,
 Vae-te embora
 Que já estou são.

(Minho.)

28.º Talhar o bicho :

Éfrica, Éfrica
 Tres filhas tinha,
 Uma ia pela agua,
 Outra ia pelo lume,
 Outra em fogo ardía,
 Proguntando pela D. Maria
 E a V. le respondia :
 Scope, scope tres vezes ao dia.

(*Cospe-se tres vezes no logar doente.*)

Cobrão, cobrão,
 Sapo, sapão,
 Bicho de toda a nação,
 Assim tu séques
 Como este carvão.

Durante esta resa tem-se um carvão na mão e fazem-se tres cruces com elle.

(Minho.)

29.º Talhar o sol. — Quando o sol entra na cabeça de alguem, põe-se sobre ella, com o fundo para o ar um copo meio d'agua, tapado com um guardanapo de olhos, e diz-se entretanto :

O sol é luz,
 O sol é claridade,
 São tres pessôas da S. S. Trindade.
 O sol nasce no Nascente
 E põe-se no Poente,
 Assim como isto é verdade,
 Vá este mal d'aqui p'ra fóra para sempre.

(Esta fórmula diz-se tres vezes e resa-se P. N. etc.)

(Concelho de Gondomar.)

30.º Para erguer a espinhela. — Ata-se uma fita desde o dedo até ao cotovelo e com a mesma ata-se a cinta. O que se diz é o seguinte :

A Senhora Senhorinha
Tres novelos de oiro tinha,
Um urdia,
Outro tecia,
Outro espinhela, espinhaço e baço erguia.
Assim como abelha e abelhame
Entra no seu cortiçame,
Assim como o padre vae para o altar,
Tres vezes vira o livro e torna a virar,
Assim a dspinhela, espinhaço e baço
Torne a seu logar.

(Resa-se P. N. etc.)

(Guimarães.)

31.º Coser pés.

— Eu que coso?
— Carne quebrada,
Fio destrôço. (= *destorço*)

— Isso mesmo
É o que eu coso.
Pelo poder de Deus
De S. Pedro e S. Paulo e S. Silvestre,
Que seja o Divino Mestre
De quanto eu faço
Tudo preste.
Sejas são e salvo
Como na hora
Em que foste baptisado.

(Resa-se tres vezes um P. N. e A. M.)

(Sinfães.)

32.º Talhar a quentura.

S. Lopo,
S. Lopinho
Tres filhas tinha,
Uma cosia,
Outra urdia,
Outra em fogo ardente ardia.
E perguntou o que lhe fazia ;
Escope e assopa-lhe tres vezes ao dia
E logo lhe sararia.

(Sinfães.)

33.º Talhar a orvalhada (*certas feridas*) — Diz-se nove vezes com um P. N. e A. M. o seguinte :

(doente :) — Eu que talho?
 — Bicho.
 — Isso mesmo é que talho
 Pelo poder de Deus
 E S. Pedro e S. Paulo,
 Os apóstolos S. Thiago
 E S. Silvestre.
 Q'anto te faço
 Tudo te preste.
 Corto-te, rabo, e cabeça e dentes,
 Sapo e sapom,
 Aranha e aranhom,
 E bicho de toda a naçom.
 Tudo lhe corto,
 Tudo lhe talho
 Pelo poder de Deus,
 E S. Pedro e S. Paulo
 E S. Silvestre
 Q'anto eu faço,
 Tudo te preste :
 E que fiques são e salvo
 Como na hora
 Em que foste baptisado. ¹

(Sinfães.)

34.º Talhar o sol. — Para talhar o sol que entra na cabeça e a faz doer, diz-se a seguinte fórmula :

Sol, sae da creatura,
 Com toda a formosura ;
 Qu'a Virge-Maria
 Tudo me ensinou, que eu nada sabia.

Diz-se nove vezes, com as ceremonias descriptas no § 29.º A circumstancia de o guardanapo ter *olhos* (i. é aberturas feitas pelo tecido ou malhas) é indispensavel ². Emquanto se recita a fórmula, affirma o povo que a agua ferve.

(Sinfães.)

¹ Aqui parece haver repetição desusada.

² É usual o emprêgo, ou de um lenço, ou de uma peneira para espreitar para o ceu. Assim, quem põe uma peneira deante dos olhos, e olha para a Lua, vê lá uma mulher com um molho de lenha ás costas. (Cf. a nossa *Cosmogonia popular portugueza na Vanguarda*; um artigo nosso a pag. 135 do *Pantheon*; e uma versão bretã na *Revue Celtique*, pag. 451-452). Na manhã de S. João, quem olhar por um lenço para o Sol, vê-o a dançar. (Cf. os nossos fragmentos de *Mythologia Popular Portugueza*, II, o S. João, — em via de publicação). O ceu é mythologicamente representado como um crivo.

35.º Talhar à erzypéla:

Pedro-Paulo foi a Roma,
 Pedro-Paulo já lá vem.
 — Como vae lá Pedro-Paulo?
 — Muita erzypéla e erzypéla,
 Muita gente morre d'ella.
 — Torna lá, Pedro-Paulo,
 Cura-a com auga da fonte,
 Acintro do monte,
 Sal da marinha
 (Resa-se nove vezes
 E uma salve-Rainha).

(O povo diz que Pedro-Paulo foi a Roma, e, encontrando Christo, travou com elle aquelle dialogo).

(Sinfões.)

36.º Talhar os unheiros:

Santa Iria
 Tres filhas tinha,
 Uma no monte,
 Outra na fonte,
 E outra no fogo ardia.
 Que lh'assoprasse,
 Que lhe bufasse tres vezes,
 Que o fogo lhe amainaria.

(Resa-se nove vezes. De cada tres vezes, trinca-se folha de loureiro ou alho e bufa-se no unheiro).

(Sinfões.)

37.º Talhar as dadas dos peitos das mulheres:

Bô home me deu pousada,
 E mulher má (ou *rúim*) me fez a cama
 Sobre vides e sobre lama,
 Foge, dada, d'essa mâma.

(O povo explica assim a fórmula: — Jesus Christo pediu a uma mulher pousada uma noute, e essa mulher fez-lhe a cama sobre vides e lama, por o homem annuir ao pedido de Christo contra a vontade d'ella. Por castigo nasceu uma dada á mulher, e Christo, a pedido do homem, curou-a com a fórmula supra-dita. Cf. o § 3.º)

(Sinfões.)

(Continúa.)

J. LEITE DE VASCONCELLOS.